

Os Livros do Brasil entre o Rio de Janeiro e Frankfurt

Gustavo Sorá

Em outubro de 1994, o Brasil foi o país-tema homenageado na maior feira internacional de livros: a *Frankfurter Buchmesse*.¹ O evento consistiu na realização de um conjunto de representações sobre o *Brasil*, para o qual os principais grupos culturais, empresariais e políticos ligados à produção e circulação de textos e livros² *brasileiros* mobilizaram um grande volume de recursos institucionais, financeiros e humanos.

Do ponto de vista dos organizadores brasileiros e alemães, a exposição de Frankfurt oferecia uma oportunidade singular para restaurar a “imagem deteriorada” do Brasil no exterior; para os editores, tratava-se de uma missão de cidadania da qual participavam em nome de um povo. Com o objetivo explícito de enfrentar “os clichês vulgarizados pela mídia” (violência, samba, mulatas, crianças pobres, desprezo pela ecologia, futebol) e, aproveitando o evento cultural-editorial mais divulgado pela imprensa internacional, um pequeno grupo de seis pessoas reuniu-se sistematicamente, durante três anos, na Secretaria Municipal de Cultura e na Editora Melhoramentos de São Paulo. Os autores do *Projeto Frankfurt* representavam a Câmara Brasileira do Livro (CBL), o Sindicato Nacional dos Editores de Livros (Snel), o Ministério das Relações Exteriores e o Ministério da Cultura por intermédio da Biblioteca Nacional (BN) e do Departamento Nacional do Livro (DNL). A partir de negociações com a companhia fundada pela Associação de Livreiros e Editores alemães para realizar a feira (*Ausstellungs- und Messe-GmbH*), e contando com a

participação de escritores, os representantes planejaram um conjunto de exposições, coleções, pôsteres, encontros, catálogos, estatísticas e eventos artísticos sintetizados no título *Confluência de Culturas*. As encenações montadas procuravam transmitir um quadro geral do Brasil, em que a literatura, os autores e os livros não passavam de meios para comunicar a idéia de um país culturalmente rico e complexo, mas “injustamente não reconhecido como tal pelos europeus.”

O objetivo deste artigo é fazer uma etnografia da organização e encenação da homenagem ao Brasil realizada durante a 46.^a feira do livro de Frankfurt. O estudo focaliza o poder do livro e as profissões ligadas à produção de livros na construção social dos emblemas, estereótipos e sentimentos de nacionalidade. Inversamente, procura-se compreender como as formas de classificações *denacional* e *internacional* definem as práticas editoriais e a circulação da palavra impressa em livros.

Idéias relativas a um país autêntico, real, verdadeiro, fazem parte das representações de prestígio e das práticas de honra que têm como suporte mitos e lendas e remetem a uma “missão providencial, cuja realização é atribuída àqueles que são considerados seus mais autênticos representantes” (Weber, 1992: p. 682). A análise desse evento permite compreender a produção das idéias de nação e os processos de individualização dos agentes que, disputando e definindo espaços profissionais, conseguem elevar-se à condição de representantes da coletividade, ocupar postos públicos e/ou obter reconhecimento editorial

consagrador. Assim, a análise está centrada no processo de “oficialização” (Bourdieu, 1991:182-187), pelo qual se manipula uma definição coletiva e se universaliza a ação dos *profissionais do livro*, a pretexto da “exposição de um povo”.³ Com isso, os escolhidos, autoridades editoriais, públicas e escritores-representantes, apropriam-se do privilégio de definir os limites do pensável e do impensável sobre o Brasil, o caráter de seu povo e suas grandezas culturais.

As feiras internacionais de livros são eventos privilegiados para conferir uma perspectiva comparativa ao estudo das *culturas nacionais*, já que materializam séries classificatórias complexas nas quais as origens nacionais constituem um dos princípios de oposição dominantes.⁴ Ao mesmo tempo, a apresentação-identificação do país no exterior põe a nu um conjunto de estratégias implícitas de valorização nacional, não diretamente reveláveis, menos ainda visíveis, na medida em que os sinais e princípios da nacionalidade são transmitidos entre iguais, todos os dias, dentro das fronteiras onde o Brasil e seus símbolos são tão naturais como o ar que se respira. Uma feira internacional de livros realizada em solo estrangeiro deixa expostos principalmente os fios simbólicos e materiais da competição do país com outras culturas nacionais e seus porta-vozes, outras genealogias nacionais de autores, outras línguas vernáculas, outros mercados editoriais e outras morais civilizadoras que medem a força do estilo brasileiro de se apresentar, e lhe conferem um valor e um reconhecimento específico como configuração singular “digna” de ser admirada e julgada através de uma exposição.

De modo geral, as feiras internacionais de livros são articuladas em torno de um circuito anual que é percorrido pelos agentes dominantes de cada um dos mercados. Assim, elas cumprem um papel significativo na imaginação e institucionalização de um mercado editorial internacional, com suas novidades e tradições, fronteiras e possibilidades, normas e práticas legítimas, suas ideologias e hierarquias. A exposição dos “livros-da-nação” em

uma feira é uma oportunidade singular para estudar os efeitos da apropriação diferenciada por parte do mercado internacional da configuração de um mercado nacional, bem como para avaliar as estratégias de dominação que nele se expressam.⁵

Mais que uma entidade racional e abstrata, o mercado internacional sustenta-se em estruturas institucionalizadas e, por isso, pode ser estudado mediante a objetivação das redes de relações concretas e práticas legítimas por ele estabelecidas entre diferentes campos editoriais-nacionais em competição. Essa perspectiva permite-nos retomar, embora com outros olhos, a pergunta de amplo interesse para o estudo da vida intelectual que Robert Escarpit (1965: p. 99) formulou nos anos 60: O que leva um autor a transpor as fronteiras de um país?⁶

Dadas essas premissas, o texto inicia-se com a descrição das condições de realização do evento, focalizando Frankfurt como praça de mercado dotado de amplo poder “cultural” para impor padrões de internacionalização e profissionalização editorial. A partir da feira, procuro dimensionar uma rede de relações editoriais entre o Brasil e a Alemanha a fim de encontrar respostas para as seguintes indagações: por que Frankfurt e por que a Alemanha são locais adequados para a demonstração da dimensão internacional da literatura e da publicação de livros brasileiros? Por que razão Frankfurt é um evento editorial mundial se Nova York comporta, atualmente, um volume maior de relações editoriais-comerciais? Por que não realizar a exposição *Brasil* em Buenos Aires ou Paris que são, de longe, os mercados onde mais se encontram traduções de autores brasileiros “em catálogo”?⁷ Por que passou a ser do interesse de outros mercados apreciar o Brasil por suas manifestações literárias e científicas, traduzir seus escritores e difundir sua cultura?

Em seguida, descrevo a organização e a realização da exposição brasileira, ressaltando o lugar dos agentes e as representações oficiais. Paralelamente, examino a hierarquia dos agentes escolhidos, a lógica do desinte-

resse e o sentimento de missão que os levou a exibir as imagens do país como aspectos essenciais de um povo ao qual “dão voz”. Análise primeiramente a ação daqueles que, em termos weberianos, podem ser chamados de burocratas e sacerdotes da “cultura nacional” e, mais no final do artigo, faço algumas breves considerações sobre a inevitável ação dos profetas contestadores que, discordando da forma como os primeiros mostravam o que somos, procuravam fortalecer-se dentro do campo editorial nacional como base para a formulação de novas maneiras de produzir imagens e suportes impressos para pensar a nação (Cf. Anderson, 1993). Por essa via, descrevo e interpreto as representações, discursos e sentimentos predominantes na encenação. Por detrás da polêmica, os porta-vozes lutavam para dirimir a veracidade, ou justiça histórica, dos *Retratos do Brasil*, enquanto reafirmavam os limites de sua arbitrariedade classificatória, de suas competências e de seu poder para orientar as práticas das profissões que se estruturam para falar da nação.

A análise baseia-se em observações realizadas durante as bienais internacionais de São Paulo e do Rio de Janeiro desde 1991, ano em que se iniciaram os trabalhos do Projeto Frankfurt.⁸ Registrei, também, a preparação do evento no Brasil, utilizando-me do trabalho das entidades de classe, da Biblioteca Nacional e da divulgação feita pela imprensa. Coletei ainda catálogos, estatísticas, revistas e outras publicações brasileiras e alemãs especialmente elaboradas para esse fim, assim como a produção anterior e posterior relativa ao México e à Áustria. Embora nada substitua a observação *in loco* das feiras e exposições, a possibilidade de coletar e sistematizar informações permitiram ressaltar a dimensão relacional na construção das imagens do país, diante dos valores essenciais afirmados e vi-

vidos nos relatos apaixonados que disputam um modo legítimo de mostrar a nação.

A Feira de Frankfurt e a Institucionalização de um Mercado Editorial Internacional

Além da dimensão internacional da feira de Frankfurt, a apresentação do Brasil como país-tema decorreu das relações culturais entre brasileiros e alemães. Afora o caso do Brasil, um expositor anual entre outros, essa feira constitui uma outra faceta do comportamento dos alemães ocidentais no pós-guerra, no intuito de se mostrarem ao mundo como país “culto e civilizado”.

A feira de Frankfurt apresenta todas as características de uma “tradição inventada”.⁹ É mais uma representante, seguramente das melhores, de um estilo de intercâmbio da palavra escrita nesta metade do século XX: o das feiras internacionais de livros. Quando se fala da feira de Frankfurt, repete-se um percurso ideal:

“The Frankfurter Buchmesse was recorded for the first time in 1462, only seven years after Gutenberg had completed his 42-line Bible (...) A few years after the collapse of the 1000-year Reich, a new start was ventured in Frankfurt. The Börsenverein des Deutschen Buchhandels was set up there, and in 1949 the first post war Book Fair took place in the Paulskirche, symbol of the democratic tradition in Germany” (Ausstellungs- und Messe GmbH, 1989: p. 29).*

Sua “existência” perde-se nos primórdios do nascimento da imprensa e prolonga-se até os nossos dias como um ritual que reafirma todos os sinais da tradição democrática e civilizada da Alemanha. Por seu caráter internacional, a feira de Frankfurt, além de permitir a exposição das expressões literárias de outras nações, representa, antes de tudo, uma forma de afirmação das “imagens da Alemanha para o exterior”, como uma nação de

[*N.T.] “A Frankfurter Buchmesse foi realizada pela primeira vez em 1462, apenas sete anos depois que Gutenberg finalizou sua Bíblia de 42 linhas. [...] Alguns anos após a queda do Reich dos Mil Anos, retomou-se a iniciativa em Frankfurt. A Börsenverein des Deutschen Buchhandels foi criada e, em 1949, realizou-se a primeira Feira do Livro do pós-guerra, em Paulskirche, símbolo da tradição democrática da Alemanha”.

leitores. Essa formulação é análoga àquela utilizada pelos organizadores da mostra brasileira. Cotidianamente, pesam sobre a Alemanha imagens e “clichês vulgarizadores” transmitidos pela *mídia*, notícias predominantemente negativas sobre o passado nazista, sobre o recrudescimento do racismo e os paradoxos da queda do Muro de Berlim.¹⁰ Recorrendo a Mauss, poder-se-ia dizer que, de modo similar a um museu etnográfico ou “às artes nacionais e suas modas”, a feira é um desses fenômenos que permitem evidenciar que “embora a nação crie a tradição, pretende-se remodelar a nação com base na tradição” (Mauss, 1972: p. 303).

Após a guerra, com a recuperação de Frankfurt como centro financeiro internacional e ponto de cruzamento de rotas culturais da Europa, sua feira de livros tornou-se um modelo, lugar de presença anual obrigatória para todos aqueles que desejam participar do mercado editorial internacional. Assim, ela se cerca de toda uma atmosfera de práticas e concepções estruturadoras de uma moral profissionalizante.

A *internacionalização* da feira de Frankfurt coincide com o surgimento, em diversos países, das principais feiras internacionais de livros, por volta da segunda metade dos anos 60. Desde então, seu perfil vem sendo delineado sob a influência de duas forças opostas: de um lado, vem-se consolidando como centro de intercâmbio do mercado de *best sellers* e, de outro, como espaço de manifestação de críticas político-culturais que pretendem fazer dela um centro de divulgação dos problemas e da literatura do Terceiro Mundo. Por volta de meados da década de 70, a rivalidade entre os agentes quanto ao modelo legítimo de feira provocou a realização de feiras paralelas, organizadas por “pequenos editores políticos e alternativos”, segundo avaliam retrospectivamente os atuais organizadores.

A Indicação de Temas Centrais

A pacificação foi obtida em 1976, quando se institucionalizou a escolha de temas centrais a cada dois anos. Os temas seleciona-

dos neste novo modelo foram: América Latina, A criança e o livro; África Negra, Religião, Orwell ano 2000 e Índia.¹¹ Os resultados dessa nova modalidade foram positivos, harmonizando-se as dicotomias entre a dimensão comercial-profissional e a dimensão pública da feira. Como se verá adiante, as nações e os nacionalismos expressam-se na segunda dimensão, mas esses valores transferem-se de modo incorporado às duas dimensões.

A dinâmica dos temas centrais foi modificada no final dos anos 80 para dar lugar à exposição anual de países-tema.¹² Da exposição de temas elaborados pela empresa organizadora da feira, que privilegiavam *nações jovens em livros* (Muth, 1986: p. 3), regiões ou questões culturais e políticas “problemáticas,” passou-se à exposição de “países-tema”, organizada pelas autoridades de cada país interessado. Ao contrário do modelo anterior, começou-se homenageando as literaturas nacionais mais antigas, estabelecidas, refinadas, civilizadas, modelares: Itália, França, Espanha, Japão, União Soviética, México, Holanda, Brasil, Áustria. Nessas escolhas, feitas pelos alemães, o primeiro princípio classificatório estabelece uma *diacrisis* político-cultural para enfrentar a circulação da palavra escrita em inglês, privilegiada pelas forças de mercado.¹³

A companhia fundada pela Associação de Livreiros e Editores alemães abre periodicamente uma lista de países postulantes como expositores-tema. A participação de um país na feira é articulada diplomaticamente, envolvendo uma prolongada e intensa competição com outros candidatos. O resultado é um jogo tácito de convite-postulação, pelo qual os organizadores exercem o poder de decidir a favor dos países que possuam uma indústria editorial forte, com influência sobre um conglomerado lingüístico e, ao mesmo tempo, tenham uma “base de história cultural suficientemente profunda” para preparar um tema central.¹⁴

A consolidação de Frankfurt como centro editorial mundial, é o resultado de uma intrincada rede institucional que opera através de uma intensa divisão de tarefas e funções, bem como da lógica prática da crença de que a Ale-

manha é um país de leitores e um “foco de irradiação cultural”.¹⁵ Os dois aspectos convergem para apresentar o país como possuidor de uma indústria editorial modelar, exportadora de padrões de profissionalismo, capaz de impor critérios de seleção cultural-nacional de grande significado na regulação da circulação internacional de livros e mensagens escritas.

Na feira de 1994, a percepção internacional do Brasil concorria com duas “questões” mais permanentes nas preocupações do mercado editorial e dos meios intelectuais alemães: por um lado, um encontro “Leste-Oeste” destinado a discutir a incorporação do mundo editorial e intelectual da Europa Oriental e das nações resultantes da desintegração da União Soviética, diante das quais a Alemanha se impõe como ponte cultural “natural”. Por outro lado, o ciclo de conferências sobre “Direitos em CD-Rom”, continuado em 1995 com a “Conferência sobre Meios Eletrônicos”, os quais, transcendendo os interesses alemães, foram realizados pelo *CenterBar*, organização multinacional de advogados especialistas na regulação do fluxo de informações através de meios telemáticos.

Percepção e Escolha do Brasil

A escolha do Brasil começou a ser gerada em 1988. Em 1986, em um período de recessão mundial generalizada, o Brasil teve seu último *boom editorial*. Nesse ano, conjugaram-se uma explosão editorial, após vinte anos de repressão intelectual imposta pela ditadura,¹⁶ e a ativação de um plano econômico (Plano Cruzado) que regulamentava amplos benefícios para as práticas culturais. Em 1985, o Brasil obteve sua melhor posição no âmbito da produtividade mundial, chegando a situar-se como o 12.º maior produtor em número de exemplares publicados, superando definitivamente, e por ampla margem, a posição de Portugal (*Buchhandler-Vereinigung GmbH*, 1991: p. 57). Porém, a inflação não demorou a marcar o ritmo da recessão econômica e da depressão do mercado editorial, impedindo de levar a cabo o projeto Frankfurt, segundo as autoridades editoriais brasileiras.

Assim como a dimensão da indústria editorial brasileira não foi fator decisivo para a escolha, também não o foi um intenso fluxo de autores e livros entre o Brasil e a Alemanha. *Brasil* ou a *língua portuguesa* são categorias muito pouco expressivas nas estatísticas editoriais alemães. Em 1990, somente 0,5% das traduções para o alemão, feitas na Alemanha, originavam-se do português e de um total de 40 títulos, 25 eram de “ficção” (*Buchhandler-Vereinigung GmbH*, 1991: p. 59). Em sentido inverso, cerca de 3,8% dos direitos de publicação de títulos alemães negociados para tradução para outros idiomas, correspondiam ao português (*op. cit.*: p. 63); de um total de 120 títulos, 40 eram sobre “paisagismo, desenho e arquitetura”, 18 eram de “literatura juvenil”, 14 de “medicina”, 13 de “filosofia e psicologia”, 12 de “religião e teologia” (*op. cit.*: p. 66). Destes, a metade foi vendida para o Brasil. O estereótipo alemão, que imagina o Terceiro Mundo como exportador de literatura e importador de ciência, só se verifica no primeiro caso, mas também se encontra de maneira difusa no segundo. Pode-se ainda acrescentar, que a participação de editores brasileiros na feira de Frankfurt, tem igualmente pouca expressão estatística.

A julgar pelos discursos dos editores alemães e suas autoridades institucionais, assim como pelas objetivações em catálogos e outros instrumentos de ordenação de livros e autores brasileiros, as classificações do *Brasil* na Alemanha correspondem preferentemente a três categorias gerais: *sur*, *Latein-amerika* ou *südamerikanische autoren*. Essas classificações confirmam o peso que teve na negociação da participação do Brasil e do México a Sociedade para a Promoção da Literatura da África, Ásia e América Latina, representada por Peter Weidhaas (presidente da sociedade e diretor da Feira de Frankfurt), Ray-Güde Mertin (vice-presidente da sociedade e prestigiada tradutora de português), no caso brasileiro,¹⁷ e Juan Villoro no caso mexicano (1992).

Como atesta o *Quellen*, catálogo bianual desta sociedade, o Brasil é o país mais bem representado entre os chamados blocos conti-

Quadro 1
 Rede Institucional do Mercado do Livro na Alemanha

Associação alemã de editores e livreiros

A *Börsenverein des Deutschen Buchhandels* é a associação comercial que representa 2.100 editores, 4.300 livreiros e 80 firmas do "comércio intermediário do livro".

Objetivos: 1) "Livro-mercadoria": garantir e racionalizar a eficiente produtividade do mercado do livro alemão;
 2) "Mandato Cultural": promoção da leitura e organização do Prêmio da Paz.

Organização	Instituições Autônomas
Comitê Executivo	Organização autônoma de editores, livreiros e setor intermediário
Presidente	
3 representantes de editores	
3 representantes de livreiros	
1 representante do comércio intermediário	11 federações regionais de editores e livreiros
Assembléia de representantes	

Distribuição: Escritório em Bonn: negociação com o poder político, a mídia e o comércio.
 Escritório em Leipzig (desde 1991): consultoria empresarial/cultural; incorporação do Leste alemão.

Organizações Comerciais

Federação de livreiros: companhia de publicações da Associação.

BAG: *Clearing* do mercado. Realiza transações para pagamentos e combina negociações coletivas entre devedores e credores. Também organiza um sistema de comunicação eletrônica multilateral conectada em rede internacional

RBZ: Centro de serviços de computação do mercado do livro. Organiza faturas, assinaturas, pagamento de publicidade, coleta contribuições. Produz estatísticas, catálogos, registros e listagens de preços. Oferece assistência e treinamento para uso de *hardware* e *software*.

BKG: Procura e garante créditos bancários para livreiros devedores e créditos de trabalho para editores credores.

Publicações

- Adressbuch für den deutschsprachigen Buchhandel
- Fachpresse in Zahlen
- Börsenblatt für den Deutschen Buchhandel: 104 n/s/ano. Artigos, reportagens, publicidade.
- Verzeichnis lieferbarer Bücher: livros editados no mercado de língua alemã: 620.000 títulos de 11.500 editores da Alemanha, Áustria e Suíça.
- Verzeichnis lieferbarer Schulbücher: didáticos.
- Buch-Journal: veículo trimestral, publicidade
- Buch und Buchhandel in Zahlen: estatísticas/anual

Sociedade Para a Promoção da Literatura da África, Ásia e América Latina: Instituição independente, criada em 1980, por editores, jornalistas e catedráticos, visando promover a "literatura universal do Sul" no mercado editorial de língua alemã: Hermann Schulz, editor de Peter Hammer Verlag; Johannes Rau, governador de Nordrhein-Westfalen; Gilman Hoffman: presidente do Instituto Goethe; Juan Villoro, escritor e catedrático mexicano; Ray-Güde Mertin: agente literária, tradutora (vice-presidente); Peter Weidhaas (presidente).

AuM: Ausstellungs- und Messe GmbH: Companhia fundada em 1964 para organizar a feira de Frankfurt. Realiza seminários e *workshops* de treinamento profissional e um programa de promoção de feiras e eventos. Peter Weidhaas, diretor desde 1975, também presidente da Sociedade para a Promoção da Literatura para a África, Ásia e América Latina.

- Supervisiona com a Fundação Bertelsmann um programa de intercâmbio de editores e livreiros interessados em realizar experiências em outros países.
- Realiza programas de formação para países com indústria editorial "em desenvolvimento" através de *workshops* denominados "Fundamentos de Economia Editorial".
- Entre outros programas de colaboração com o Ministério das Relações Exteriores, patrocina convites a editoras de países "em desenvolvimento".

Projeto Frankfurt '94 (Brasil)

- Alfredo Weiszlog F. Lindoso (Câmara Bras. do Livro, Sindicato Nacional dos Editores de Livros)
- Empresa Marketing Cultural
- Curadores de diversas instituições culturais
- S.P. Rouanet, cônsul em Berlim
- M. Souza: Div. Internacional (DNL)
- A. Romano de Sant'Anna: Fund. Biblioteca Nacional
- Ministério da Cultura
- Itamarati

Fontes: The German Publishers and Booksellers Association, 1993; entrevistas e dados de campo.

mentais. Em 1993, as editoras alemãs tinham em seu catálogo 142 títulos de autores brasileiros e 7 antologias.¹⁸ Vinte e um títulos eram de Jorge Amado, 7 de Clarice Lispector, e, com 4 títulos cada um, Darcy Ribeiro, Rubem Fonseca, Guimarães Rosa e José Mauro de Vasconcelos. À exceção de poucos autores de renome, ou daqueles que são divulgados por força do mercado, os casos de Paulo Coelho e Chico Buarque recentemente, quase todos os títulos entram no mercado alemão por intermédio de iniciativas como as que a Sociedade para a Promoção da Literatura da Ásia, África e América Latina patrocina. Esta instituição articula uma rede de acadêmicos, estudantes, críticos, editores, agentes literários e tradutores, entre os quais circulam resenhas especializadas, sugestões, avaliações, catálogos, periódicos e outros meios, o que lhes garante um rígido controle sobre o que se deve publicar desses países, vistos como periféricos, áreas subordinadas ou fora do mundo dos livros. Do mesmo modo, com exceção dos *best sellers* temporários, as tiragens nesses países são extremamente reduzidas para o padrão do mercado alemão (2.000 ou 3.000 exemplares) e a circulação dos títulos limita-se estritamente aos círculos universitários. De maneira geral, pode-se observar uma certa divisão das casas editoras alemãs: as grandes, como a Surkhamp, editam clássicos, e as pequenas, como a Diá, publicam autores muito pouco conhecidos na Alemanha.¹⁹

O Projeto Frankfurt: uma Missão de Cidadãos

Apesar da recessão do mercado brasileiro, em 1991 retomou-se a postulação de homenagear o Brasil. A essa finalidade, um grupo de agentes dedicou um tempo precioso, quase exclusivo. A Comissão Organizadora, então criada, compunha-se de cerca de 6 a 10 pessoas “devotadas” a montar a apresentação e, acima de tudo, a cumprir um “dever de cidadãos”. Os editores foram os principais mediadores culturais e empresariais para a concretização do evento. A organização foi coordenada pela Câmara Brasileira do Livro

(CBL) (SP) e pelo Sindicato Nacional dos Editores de Livros (RJ). Pela primeira, participaram os diretores Alfredo Weiszflog e Felipe Lindoso. Pela segunda, Regina Bilac Pinto, presidente do sindicato na época em que os trabalhos começaram. Por ser um “assunto de Estado”, também participou o Ministério da Cultura, representado por Affonso Romano de Sant’Anna, presidente da Fundação Biblioteca Nacional e por Márcio Souza, diretor do Departamento Nacional do Livro. O ministro José Nascimento e Silva encabeçou a comitiva oficial de escritores que viajou para a feira. O Itamarati, por sua vez, participou por intermédio de seu cônsul em Frankfurt, Cesário Melantônio, e do cônsul em Berlim, Sérgio Paulo Rouanet.

Três desses agentes destacaram-se pela dedicação e influência na definição de perspectivas. Um deles foi Weiszflog, empresário e editor da Companhia Melhoramentos de São Paulo,²⁰ que atuou como presidente do projeto. Ele havia sido anteriormente presidente da Câmara Brasileira do Livro e continuava como assessor permanente, mudando de cargo diretivo a cada eleição dos representantes do setor editorial. Por sua vez, Felipe Lindoso, mestre em Antropologia Social, é um dos vários diretores da CBL e sócio da Marco Zero (SP), editora de pequeno porte com atuação no pólo humanístico e literário do campo. Assim, a “seleção natural” de agentes no órgão coordenador do projeto, incluiu desde o representante antigo e economicamente poderoso ao relativamente novo e culturalmente distinguido e especializado. No bloco de órgãos estatais, Márcio Souza, diretor do DNL distinguiu-se por suas iniciativas e seu desempenho nos trabalhos de organização. Souza apresentava-se, simultaneamente, como chefe da mais importante agência pública ligada à circulação do livro no Brasil, como sócio-editor da Marco Zero e escritor *profissional* muito conhecido dentre a nova geração de escritores brasileiros, com livros traduzidos para o inglês, francês e alemão, e professor de literatura latino-americana na Universidade de Berkeley.²¹

No aspecto institucional, as bienais inter-

nacionais de livros de 1992 e 1994, em São Paulo, funcionaram como espaço de síntese dos preparativos. Mais uma vez, o *eixo Rio-São Paulo* disputava e definia o campo editorial e as representações do Brasil autêntico: pelo Rio, o Estado; por São Paulo, o mercado. A partir de outubro de 1992, os organizadores fizeram levantamentos sistemáticos das instituições culturais de Frankfurt envolvidas na montagem de exposições, espetáculos e conferências. Com base em perfis institucionais, tipos de público freqüentador e possibilidades de co-responsabilidade financeira, montou-se um núcleo de projetos de exposição que foram apresentados às autoridades da companhia organizadora do evento. A resposta chegou um ano depois com a visita de Peter Weidhaas à bienal paulista e a aprovação do esquema básico de exposições apresentado pela comissão organizadora. Do modelo constava uma exposição central, a ser realizada em um pavilhão especial do prédio da feira, e uma série de exposições, espetáculos, conferências e debates, em diversos locais de Frankfurt e outras cidades alemães. Para cada uma dessas unidades, a comissão designou *curadores*.²²

Essas atividades aprofundaram uma virtual divisão do trabalho de preparação e concepção das representações do país. A montagem e certas tarefas executivas foram terceirizadas, ficando a cargo da Empresa de Marketing Cultural. As reuniões periódicas dos seis responsáveis pela comissão organizadora tiveram a função de realizar a unificação burocrática e definir a concepção geral. Do ponto de vista dos organizadores, o esforço empreendido era totalmente desinteressado, como aliás “deve” expressar-se a consciência de cidadania, fora de qualquer vantagem empresarial ou cultural de natureza individual:

— Como foram escolhidas as pessoas que coordenaram o projeto?

— Olha, foi mais uma questão de experiência pessoal e vontade de fazer. Hoje pode-se dizer que toda a equipe está com muita garra para fazer uma coisa bem feita e mais por amor à Pátria do que por amor a um resultado financeiro. São poucos os que vão receber alguma coisa.

— Como foram escolhidos os curadores?

— São todas pessoas reconhecidamente competentes em suas áreas. E isso foi consultado dentro da Comissão, foram analisadas diversas alternativas e se completou o grupo. É uma questão de disponibilidade de tempo, disponibilidade de entrar num projeto em que o sacrifício pessoal é muito maior do que a remuneração pessoal.

— Quais foram os esforços, temas e problemas colocados nas discussões da Comissão?

— Eu já disse o seguinte: a execução do projeto em si é feita por uma equipe extremamente entrosada, extremamente motivada, que vê isso efetivamente como cidadãos, como uma questão muito importante e imperdível”.²³

Com o passar do tempo, a divisão e o volume de funções e responsabilidades foi se acentuando até estruturar uma hierarquia de eventos e agentes ativos na tarefa de representar o país.

Apresentação Brasileira

A participação *brasileira* e dos brasileiros na feira dividiu-se do seguinte modo: uma parte comercial, organizada em um estande coletivo de 270 metros quadrados onde cerca de 90 editoras expunham suas publicações; uma exposição central montada em um dos *halls* da feira (de 3.100 metros quadrados); e um conjunto de eventos culturais extra-feira.

Os editores dispunham de um estande adicional, *para profissionais*, de tamanho considerável. Em termos nativos, uma participação em Frankfurt é definida como profissional quando o editor “tem uma agenda lotada”, pode participar de leilões de títulos de grande porte e dispõe de direitos de títulos para vender e comprar. Como se sabe, nessa feira, apenas umas duas dezenas de editores se realizam “profissionalmente”.²⁴ Os demais vão à Frankfurt “para saber como é o mercado mundial” e para marcar presença em um lugar do qual, como um santuário, todos falam e onde todos desejam estar. A grande afluência de pequenos e médios editores nessa versão da feira, foi fruto das vantagens financeiras negociadas pela comissão organizadora e das

expectativas decorrentes da crença generalizada de que “era importante participar”. O estande coletivo onde estes se reuniam era, por oposição ao primeiro, uma mostra *para o público e um local público*. Ali os livros não eram vendidos, apenas ficavam expostos. Ne-

gação da economia, lógica do desinteresse, lugar da Nação.

A diversidade dos eventos encenados em Frankfurt pode ser descrita em um conjunto de quadros nos quais buscarei sistematizar e hierarquizar a participação dos representantes e as formas de representar o Brasil.

Quadro 2
Mostras Correlativas a Cada Volume da *Coleção Brasileira de Frankfurt*

Nome	Tema	Curador	Lugar
Pioneiros do cinema brasileiro	História do cinema mudo “das origens” aos anos 30	Jurandir Noronha	Deutsches Filmmuseum
Arte Popular Brasileira	Mostra da coleção do Museu da Casa do Pontal – RJ	Jacques van de Beuque	Bürgerhaus Bornheim
Brasil: Museu de Imagens do Inconsciente	Desenhos, pinturas e telas de pacientes do Centro Nacional de Psiquiatria do Engenho de Dentro	Org. da Dra. Nise da Silveira, apresentada pelo artista plástico Almir Mavignier	Kommunale Galerie Leinwandhaus
Os jardins de Burle Marx	Paisagismo no Brasil	Haruyoshi Ono, assistente de Burle Marx. Textos de Lélia Coelho Frota	Palmengarten (Jardim Botânico de Frankfurt)
Pintura Naïf Brasileira	Seleção do acervo do Museu Internacional de Arte Naïf do Rio	Maria do Carmo de Oliveira	Affentorhaus
O livro infantil no Brasil	Mostra de livros premiados, selecionados pela FNLIJ	Elisabeth Serra	Biblioteca Juvenil Haus Bornheim
A espessura da luz: fotografia contemporânea brasileira	Seleção de trabalhos de vários fotógrafos	Paulo Herkenhoff	Fotografie-Forum Leivewandhaus
A literatura na filatelia brasileira	Seleção de temas literários em postais e lançamento de selos	Laís Scouto e José Afonso Braga	Museu do Correio
A espessura do signo: desenho contemporâneo brasileiro	Exposição de artistas da década de 50: Oiticica, Schendel, Monteiro etc.	Paulo Herkenhoff	Galeria de arte em um antigo Convento de Carmelitas
Literatura Brasileira no singular e no plural	Ensaio de autoria de Afonso Romano de Sant’Anna	Afonso Romano de Sant’Anna	
Panorama do <i>design</i> gráfico brasileiro contemporâneo	Mostra de capas de livros, discos, catálogos, cartazes e livros de arte	Joice Leal. Federação das Indústrias de São Paulo	Karmeliterkloster
A arte na religiosidade afro-brasileira	Panorama do sincretismo e das influências africanas na religião	Emanoel Araújo. Diretor da Pinacoteca de São Paulo	Associação Artística de Frankfurt

Cada mostra foi impressa nos doze volumes da *Coleção Brasileira de Frankfurt*,²⁵ onde os *curadores* afirmaram sua autoridade com ensaios introdutórios. A coleção é uma

fórmula editorial que propõe uma totalidade homogênea para todos os volumes e garante o registro da presença brasileira para além do evento. O título *Brasiliiana* marca, por sua

vez, a pretensão de que a coleção seja reconhecida em uma hierarquia de coleções nacionalistas que baliza a história da indústria editorial no Brasil desde o fim dos anos 20. Desse modo, oferece um modelo estável e poderoso para transmitir mensagens sobre o Brasil. As mostras e livros exprimem a idéia predominante de apresentar o “Brasil como um todo”, homogêneo, igualmente representável por expressões “do povo” (arte popular) ou pela genialidade de seus artistas exemplares em

artes nobres (Burlle Marx); por mostras coletivas de artistas de novas gerações em artes menos distintivas até o cinema de arte antigo; pela vulgarização da literatura para o povo e para crianças até a visão poética da mais alta literatura. Esse quadro de eventos-livros completou-se com outro conjunto de mostras preparadas especialmente para Frankfurt, mas que não desfrutavam do privilégio da posteridade em livro:

Quadro 3
Outras Mostras e Exposições

Outras mostras e exposições	Tema	Curador	Lugar
Confluência de Culturas	Painéis sobre a história da literatura brasileira e os brasileiros	M. Souza, Regina Machado Carneiro e Paulo Herkenhoff	Pavilhão central da feira
Clarice Lispector e João Guimarães Rosa	Autores traduzidos para o alemão, com grande reconhecimento	Ray-Güde Mertin, Ute Hermans, agentes literários e tradutoras	Biblioteca Nacional de Frankfurt
Exposição histórica da literatura brasileira	58 painéis e 2.000 livros de autores brasileiros, em alemão e português	Eliane Pszcol: Seção de Divulgação Internacional da Biblioteca Nacional	Biblioteca Pública de Frankfurt
Exposição Von Martius	Botânico que participou de uma missão científica no Brasil em 1817	Walter Raunige: Museu Etnológico de Munique	Schirn Kunsthalle
Evandro Teixeira	<i>Fotojornalismo: fotógrafo com trinta anos de trabalho no JB-RJ e fotografias atuais sobre “vida, pessoas e cultura do Nordeste”</i>		Galeria Nova Visão
Exílio no Brasil: 1933-1945	Mostra sobre intelectuais e escritores da Europa Central, como Stephan Zweig, que se refugiaram no Brasil a partir dos anos 30		Biblioteca Nacional de Frankfurt
Semana de Cinema e Literatura	Filmes brasileiros adaptados de obras literárias	José Carlos Avellar, crítico de arte	Deutsches filmmuseum
Brasil: arquitetura recente	Projetos e maquetes de arquitetos posteriores a Niemeyer	Hugo Segawa	Deutsches Architektur Museum
Música erudita	Quarteto de Cordas de São Paulo e Ewerton Gloeden (guitarra): Villa-Lobos	Gilberto Tinetti e Museu Gesellschaft	Álter Oper de Frankfurt
Dança	Coreografia de duas companhias	Endança (Brasília) e S.O.A.P. (Frankfurt)	Casa de Cultura Monsonturm
Antônio Dias	Exposição de obras do artista plástico em uma galeria		Mathildenhole, em Darmstadt

Mesmo que nesse conjunto de mostras a literatura e a ciência tenham maior relevância, configura-se de novo um quadro não estritamente voltado para as atividades intelectuais que fazem do livro o centro de seu trabalho de objetivação e reprodução. Aqui não se destacam as artes “populares”, mas diferentes expressões de artes prestigiadas, certificadas pela assinatura de autores individuais. Até certo ponto, expressam também o desejo de reconhecimento por parte de um público alemão mediante manifestações legitimadas pela origem e representatividade alemães.

A Invenção da Tradição Literária

A literatura teve sua maior expressão na extensa mostra histórica preparada pela Biblioteca Nacional: 58 painéis e 2.000 livros exibidos em uma biblioteca pública e nos dois principais painéis da exposição do pavilhão central da feira. Seus curadores encarregaram-se da organização e coordenação estético-visual; a montagem, porém, foi realizada por artistas plásticos. Como suporte, os textos e a concepção literária de Márcio Souza:

— Quem fez os painéis da exposição “Confluência de Culturas”?

— Os painéis foram executados por carnavalescos de escola de samba. Isso também fazia parte do espírito da exposição. Está explicado no texto que eu escrevi, que o acabamento é tão bem feito que os europeus poderiam pensar que foi confeccionado por cenógrafos de ópera. Mas está explicado que foi popular, pessoas do povo confeccionaram a exposição. (Márcio Souza, entrevista na Biblioteca Nacional, 29-9-94).

Sobre as idéias que se desejava transmitir, Souza contou que a sua, veiculada em textos, livros, fotos e desenhos, “começa com o Padre Anchieta escrevendo poemas nas praias de Peroigli e termina com Jorge Amado. Começa no século XIV e termina no século XX. São painéis imensos”. Para este escritor-representante, a literatura brasileira possui uma profundidade histórica igualada por poucas, mas que não obteve ainda o devido reconhecimento internacional. Esse senso de temporalidade foi resumido em uma *Agenda Permanente da Lite-*

ratura Brasileira, elaborada pela Biblioteca Nacional para marcar presença em Frankfurt. Nessa Agenda, que representou mais um dos esforços da Biblioteca Nacional, toda a “história literária” foi condensada.

“A agenda consistia inicialmente na idéia de que a literatura latino-americana é, em geral, muito pouco conhecida, especialmente pelos europeus, porque os americanos têm muito senso de história, como nós, mas os europeus olham a América como uma coisa muito recente sem grandes tradições. E de repente nós vemos que o Brasil é um dos países da América que têm uma história literária contínua de pelo menos trezentos anos, onde você pode indicar uma presença já marcante da identidade nacional através da literatura. E certos países da Europa não têm uma tradição dessas, de trezentos anos.” (Souza, *ibidem*).

O discurso de Márcio Souza, assim como o de Felipe Lindoso e dos autores-representantes, estrutura-se a partir da ambivalência de um país não descoberto nem reconhecido, ainda a ser explorado, mas que possui a continuidade de uma história cultural de séculos: *um país novo, porém antigo*.

A antiguidade é construída como uma prova de identidade. Lógica similar predominava nas exposições de países como o México e a Índia. Mas toda a força da identidade nacional, como construção cultural, sobressai quando comparada com a exposição realizada pela Áustria, país-tema de 1995. Os austríacos limitaram sua exposição e concertos a expressões do século XX. Sem Mozart ou Freud em cena, as atividades privilegiaram a presença de escritores de literatura e ciência, assim como de músicos *contemporâneos* (*Veranstaltungen im dês Österreich Schuerpunktes zur Frankfurter Buchmesse, 1995*).

Como modelo de apresentação, cada país inventa um eixo de tempo e um perfil de expressões artísticas, representativas de um caráter nacional. O paradoxo está no fato de um país do Velho Mundo apresentar-se como novo ou atual e países do Novo Mundo se mostrarem como antigos.

A mostra brasileira, conforme resumida na agenda, procurava sintetizar um país “repleto” de criação literária, algo que nem todos

podem acumular e sistematizar com o rigor de sua biblioteca nacional:

“Os ingleses tinham feito uma agenda internacional muito bem feita, parecida. Nós fomos levantar tudo o que existia nesse sentido. Mas era uma agenda muito falha, porque não entrava nenhum autor de língua portuguesa, nem Camões (...) Entravam autores ingleses de quinta categoria que não entrariam em nenhuma agenda mundial, mas nem Camões entrava; e da literatura latino-americana só entravam García Marquez e Manuel Puig. Ou seja, não dá para entender (...) E os mexicanos tinham tentado fazer uma agenda, mas não deu para preencher todos os dias do ano.” (Márcio Souza, *ibidem*).

Como observa Anderson, em seu livro *Comunidades Imaginadas*, os estilos narrativos dos gêneros literários são uma das mensagens mais poderosas para imaginar a Nação. Mas como assinalam os fragmentos dos discursos transcritos, tal força de representação e singularização é reforçada pelo nome de certos autores que, capazes de permanecer no tempo por terem transposto as fronteiras do país, produzem, quando mencionados, um efeito simbiótico de associar uma origem nacional e uma origem lingüística. Por isso a literatura é, também, uma questão de Estado e *leit motiv* da Biblioteca Nacional. Seus representantes-escritores controlam de perto a história e os marcos da literatura a exibir, ao mesmo tempo que tornaram mais complexos os meios de multiplicar o número de autores traduzíveis para outros idiomas:

— Qual é a imagem que a Biblioteca Nacional procura transmitir internacionalmente?

— Não temos uma política para transmitir imagem. Nós queremos aumentar o número de autores brasileiros traduzidos. Eles é que vão dar uma imagem do Brasil. (Márcio Souza, *ibidem*).

A Literatura Subordinada ao Povo

As expressões literárias dominaram os eventos montados em Frankfurt. Todavia, na mostra central, *Confluência de Culturas*, elas ficaram perdidas, subordinadas a uma lógica expositiva que privilegiava as imagens do

povo e suas manifestações mais sagradas de igualdade, fraternidade e liberdade.

Confluência de Culturas foi a exposição de maior envergadura, a mais rigorosamente planejada pela Comissão Organizadora e a única colocada em um *hall* especial da feira, em uma área de 3.000 metros quadrados. Os painéis não eram identificados por autor, personagem, gênero, individualidade literária ou artística. Dispostos em cinco módulos de 16 metros de diâmetro, representavam as paisagens rurais e urbanas, as manifestações culturais coletivas, a vida social e familiar, o cotidiano e o mundo do trabalho, e os rostos do brasileiro. Com fotografias e livros relacionados a cada módulo, pretendeu-se mostrar, em primeiro lugar, a ecologia, as dimensões continentais do país, as paisagens de seu território e as cidades emblemáticas. No segundo painel mostravam-se cenas do Maracanã abarrotado de gente, cenas de comícios políticos, as praias cheias e outras manifestações em que o indivíduo não aparece, uma vez que se dilui entre os 150 milhões de iguais em suas mais sagradas confraternizações. O painel sobre o trabalho expôs desde as atividades manuais mais rudimentares, camponesas, até o cientista em seu laboratório e o intelectual pensante nas universidades. O quarto painel reunia famílias de diferentes cores e estratos sociais assim como a comunhão nas manifestações religiosas e no tempo de lazer. O último painel era uma colagem de rostos superpostos, que pretendia expressar as principais contribuições dos fluxos migratórios. A mescla, o sincretismo, a miscigenação, a comunidade toda indiferenciada: Brasil de iguais, singulares e soberanos.

Ao longe, em segundo plano, os painéis eram cercados de pôsteres contendo fotos e figuras de heróis populares, como Romário e Ayrton Senna, e autores populares e/ou cultuados como Jorge Amado, Gilberto Freyre e Nelson Rodrigues. Mais além, o “bar Ipanema” criava um espaço de socialização e de reuniões, para projetar vídeos e recepcionar, entre *batidas* e *caipirinhas*, autoridades estrangeiras (desde ministros e representantes menores até o presidente Helmut Kohl), edi-

tores, escritores, agentes literários e outros empresários culturais.

O Brasil como ele é

— O que procuravam transmitir com o trabalho da Comissão?

— Dar uma ampla visão da cultura brasileira, tendo o livro como pano de fundo, como elo de ligação entre todas as áreas da cultura. O espírito que norteou a exposição foi *mostrar o Brasil como ele é*; e seu lado criativo e seu lado nem sempre conhecido, evitando-se estereótipos ou formas distorcidas de se conhecer o Brasil lá fora. (A. Weiszflog, entrevista, *ibidem*).

— Que imagem de país procuraram mostrar na exposição central?

— Quem trabalhou com conceito de exposições procurou evitar o clichê sobre o país. Exótico é difícil deixar de ser. Um país onde um mulato que teve a maior dificuldade de aprender a ler, se torna o maior romancista da América do século XIX ..., tem alguma coisa mais exótica do que isso? Então, não dá para fugir do exotismo. É também evitar um pouco alimentar essa comiseção terceiro-mundista de consciência pesada de europeu em relação à América-Latina.

— E que imagens tentaram contrapor?

— Eu acho que a imagem que o Brasil está apresentando é a imagem de um país da América que tem uma alternativa para uma proposta americana, que é o multiculturalismo, que vai compartimentando as culturas e os povos sob um suposto respeito pela integridade, para a proposta brasileira dessa multiplicidade de visões de mundo internas e de pele também, que a *miscigenação*, que é a mistura concreta e total, é a proposta do Brasil, uma proposta popular, que está inserida na cabeça, na identidade do país. Então é esse o país que vai. (Márcio Souza, entrevista, *ibidem*).

— Que imagem de Brasil procuraram transmitir?

— A imagem de um país muito mais rico e complexo do que os estereótipos que circulam na Europa. Nós estamos levando uma enorme coleção de livros para surpresa dos próprios europeus, do que se pensa sobre o próprio país e sobre o mundo. Mostrar que o brasileiro pensa sobre si e não está simplesmente recebendo conselhos bons ou maus da *intelligentia* européia.

— E como foram organizadas as exposições?

— Ali há coisas que foram surgindo no caminho. Por exemplo, a questão da contribuição das culturas africanas. Eu, por exemplo, sou extremamente refratário a isso que chamam de pseudo-visão do *multiculturalismo americano*, onde as coisas são americanas, são afro-americanas, o preto separado do resto. Enfim, me parece uma visão muito equivocada tanto para lá, e muito particularmente para cá. Então, não podíamos permitir que a contribuição da cultura africana para cá se reduzisse a uma questão de cor de pele. Não é verdade no Brasil isso. Há um exemplo que eu sempre uso, que é o de Emanuel de Araújo, um pintor muito reconhecido, preto, diretor da Pinacoteca de São Paulo. Em conversa com ele saiu uma idéia realmente interessante: a exposição montada se chama “Arte na religiosidade afro-brasileira”, que pega desde objetos de culto, até artistas consagrados independentemente da cor da pele; que trata de um tema, de uma versão, da contribuição da cultura africana à cultura brasileira que é o *sincretismo*, muito específica e muito rica.²⁶ (Felipe Lindoso. Entrevista na Bienal de São Paulo; agosto de 1994).

Os discursos dominantes, e não somente entre os organizadores do projeto com sua retórica de oficialização, apresentavam a *Confluência de Culturas* como uma forma de convivência social, cultural e multirracial única, oferecida pela história do país ao mundo, como um modelo bem-sucedido de processo civilizador. A miscigenação, como um “não multiculturalismo”, atualizava representações do senso comum, “gravadas nas mentes de todos” e atribuídas a autores como aqueles que, com semblante sério, vigiavam de perto a exposição, em pôsteres. Passando da história objetivada para sua dimensão incorporada, o país teve voz através dos escritores convidados pelas autoridades públicas.

Burocratas e Sacerdotes da Cultura Nacional

Oficialização e Prédicas Literárias Eficazes

Oficialmente, o Brasil esteve representado por uma comitiva de escritores organizada pelo Ministério da Cultura. O ministro

Luiz Nascimento e Silva distinguiu-se como cabeça visível de uma seleção que passou a ser conhecida como “a lista do ministro”.²⁷ A tradição objetivou-se nas mostras e nos livros. A novidade residiu na oportunidade de organizar uma nova sistemática de apresentação da imagem do país e de torná-la pública em um evento sem precedentes: “Vou levar o Brasil pensante à Europa (...) É um momento único para mostrar à Alemanha, à Europa e ao mundo inteiro, sua produção cultural e artística, sua identidade nacional”.²⁸ Através de ações coordenadas entre o ministro, Márcio Souza e Romano de Sant’Anna,²⁹ a participação oficial buscou “corrigir o exagero da predominância do signo visual sobre o signo escrito”

(*op. cit.*). Nascimento e Silva conduziu os preparativos finais de seu ministério, procurando redirecionar uma das imagens do Brasil: “havia na primeira participação brasileira, logo que cheguei, uma visão que se concentrava mais no aspecto folclórico que no aspecto internacional do país. Então minha idéia foi enfatizar um país que é capaz de pensar a cultura, ter uma produção de nível internacional, apesar da língua ser de difícil difusão” (*op. cit.*). Os porta-vozes do Estado-nação levaram a cabo um esforço tanto para delinear uma identidade e provocar seu reconhecimento como algo importante para o mundo, quanto para demonstrar a eficiência prática de um Estado moderno.³⁰

Quadro 4
Seleção Brasileira de Escritores

Escritor	Atividade principal	Principais títulos	Idade
Chico Buarque de Holanda	Músico (compositor e cantor) e escritor	“Estorvo”*, “Fazenda Modelo”, “Gota d’Água (teatral)”, “Ópera do Malandro” (roteiro de cinema)	50
Ferreira Gullar	Poeta e crítico de arte. Diretor da Funarte na época da feira	“Poema Sujo”	64
João Ubaldo Ribeiro	Membro da Academia Brasileira de Letras, colaborador em jornais	“Sargento Getúlio”*, “Viva o povo brasileiro”*	53
Josué Montello	Presidente da Academia Brasileira de Letras, ex-diretor da Biblioteca Nacional	Inúmeros livros. Nenhum traduzido na Alemanha	83
Lygia Fagundes Telles	Romancista. Primeiro reconhecimento literário em 1938	“Ciranda de Pedra”, “As Meninas”, “As Horas Nuas”*	71
Antônio Cícero	Mestre em filosofia e letrista de sua irmã, a cantora Marina, e de João Bosco	No final de 1994 lançava “O mundo desde o fim” (ensaio antropológico), não traduzido	45
Antônio Torres	Romancista e crítico literário	“Balada da infância perdida”, “Um cão uivando para a lua”, “Essa terra”* e “Um táxi para Viena d’Áustria”*	54
Antônio Olinto	Crítico literário (MG)	“Presença” (poesia, 1949), “Caderno de crítica” (ensaio, 1959)	75
Darcy Ribeiro	Político (PDT), escritor e antropólogo	Romances traduzidos em alemão: “Migo”, “Maíra”, “Mulo”, e seu ensaio “Utopia Selvagem”	71
Fábio Lucas	Crítico literário, presidente da União Brasileira de Escritores e ex-diretor do Instituto Nacional do Livro	“Horizontes da crítica” (1965), não traduzido para o alemão	63
Ignácio de Loyola Brandão	Romancista	“Bebel que a cidade comeu”*, “Zero”*, “Não verás país nenhum como este”, “O beijo que não vem da boca”	58

(continua)

(continuação)

Escritor	Atividade principal	Principais títulos	Idade
Moacir Werneck de Castro	Biógrafo, ensaísta, editor de suplementos literários e colunista do <i>Jornal do Brasil</i>	"Simón Bolívar". Sem traduções para o alemão	79
Moacyr Scliar	Escritor e médico sanitário	"A orelha de Van Gogh" e "O olho enigmático"	57
Lígia Bojunga Nunes	Escritora de literatura infantil. Ganhou o prêmio Hans. Ch. Andersen (Nobel da área) em 1982	"Tchau", "Sete cartas e dois sonhos"	62
Nélida Piñon	Escritora. Ganhou o prêmio Mário de Andrade em 1972 e recentemente o Juan Rulfo. Professora de Literatura latino-americana na Universidade de Miami	"A casa da paixão", "República dos Sonhos"	56
Rachel de Queiroz	Escritora	"O Quinze" (1930), "Memorial de Maria Moura"	84
Zuenir Ventura	Colunista do <i>Jornal do Brasil</i>	"1968. O ano que não terminou", "Cidade Partida". Sem traduções	63
Paulo Coelho	Escritor de maior vendagem no país e mais traduzido no exterior nos últimos anos	"Diário de um mago", "O alquimista", "Brida", "As Valkírias". Todos traduzidos para várias línguas	47
Afonso Romano de Sant'Anna	Poeta, diretor da Fundação Biblioteca Nacional	"A grande fala do índio guarani perdido na história e outras derrotas", "O canibalismo amoroso"	59
Márcio Souza	Diretor do Departamento Nacional do Livro na época da feira e posterior diretor da Funarte	"Galvez, o Imperador do Acre", "O fim do Terceiro Mundo", "As folhas do látex"	49
Roberto Drummond	Escritor	"O dia em que Ernest Hemingway morreu crucificado"	61

(*) Textos traduzidos para o alemão (Dados referentes ao momento da feira).

Outros escritores, como Jorge Amado, João Cabral de Melo Neto, Rubem Fonseca, Antônio Cândido e Eduardo Portella, foram também convidados. No entanto, quase todos, por problemas de saúde, declinaram do convite. Dos 21 escritores que constavam da lista, nenhum era negro e apenas quatro eram mulheres. Ao contrário destas, dedicadas quase que exclusivamente à atividade literária, a maioria dos homens ocupava, ou ocupou alguma vez, postos públicos em instituições culturais de alta hierarquia. A média de idade desses autores ultrapassava os 65 anos, o que contrastava com a idade dos escritores mais jovens que, como Chico Buarque e Paulo

Coelho, apesar de não ocuparem cargos burocráticos, entraram na lista por serem fenômenos literários de mercado. Por outro lado, escritores de grande reconhecimento, cujos livros, em sua maioria, foram consagrados há várias décadas, disputavam lugares entre os clássicos. Nesse quadro predominavam *romancistas*, *ensaístas* e *jornalistas*, gêneros historicamente associados à produção de mensagens sobre a miscigenação e outros "Retratos do Brasil". O relevo dos escolhidos tornou-se manifesto em uma série de debates e encontros coordenados para verbalizar o que pensavam ser o Brasil autêntico:

Quadro 5

Leituras e Debates na *Literaturhaus*³¹

Título do evento	Autores e/ou assuntos
Brasil: Um auto-retrato	Fábio Lucas, Nélda Piñon, Josué Montello, Antônio Cícero
Brasil: A metrópole retratada	Chico Buarque de Holanda, Ignácio de Loyola Brandão, Ferreira Gullar e Lygia Fagundes Telles
Brasil: Um mosaico de províncias	João Ubaldo Ribeiro, Moacyr Scliar e Antônio Torres
O Brasil no imaginário europeu	Sérgio P. Rouanet, Darcy Ribeiro, R. Menasse, Karl Corino
Literatura ao vivo	Encontro com escritores brasileiros presentes em Frankfurt
Workshop com tradutores de literatura brasileira	Dirigido pelos tradutores Karim von Schweder e Berthold Zilly (Os Sertões)
Lançamento de revista	"Poesia sempre", da Biblioteca Nacional, dirigida por Afonso Romano de Sant'Anna

Paralelamente à comitiva oficial, as editoras de grande porte enviaram, por sua conta, outros autores. Ao todo, estiveram presentes em Frankfurt 60 escritores. A forma como viajaram, a intensidade e os contextos de suas manifestações, o reconhecimento acumulado por cada um e a atenção que lhes dispensou a imprensa, permitem observar a diferença de suas participações; apenas alguns reuniram "todas" as propriedades para manipular palavras e ritos do culto literário nacional.

Entre os escritores da lista, cada um alcançou um destaque diferente. Novamente produziu-se uma divisão tácita entre os negócios e o público, entre a feira profissional e a homenagem nacional, os "campeões de vendas" e os "clássicos". Chico Buarque e Paulo Coelho foram considerados, por unanimidade, os de maior sucesso. Passeavam pelos estandes, de entrevista em entrevista, de deferência em deferência, enquanto seus agentes vendiam títulos de sua autoria para múltiplas traduções. A *Literaturhaus* foi o espaço da palavra célebre e clamorosa, do discurso chamativo sobre o Brasil. Poucos dias depois de proferirem as palestras, alguns oradores usavam suas colunas nos grandes jornais brasi-

leiros para tecerem elogios recíprocos. Levando adiante um mandado delegado, esses escritores firmavam posição sobre o que o Brasil é em enfáticas contestações aos anfitriões europeus:

Testemunhos sobre o *Bom Selvagem*

I
"Frankfurtianas", de Moacir Werneck de Castro, colunista do Jomal do Brasil

"Melhor que ninguém do exterior, nós conhecemos, estudamos e procuramos combater no Brasil as causas essenciais de males que nos afligem (...) Assim, é natural que nos desagrade receber pretensas lições de pessoas que só têm desses problemas uma visão estereotipada, e adequada a aplacar consciências doloridas (...) Claro que não se recusa o debate internacional sobre tais questões, mas chega a ser engraçado ouvir "pitos" com endereço errado, mais ainda num país onde ainda ontem eram exterminados milhões de judeus e nos dias atuais se sucedem revoltantes crimes racistas contra trabalhadores estrangeiros e suas famílias.

Só mais um comentário, para concluir. Foi dito na feira de Frankfurt que, na Europa atual,

autores representarão



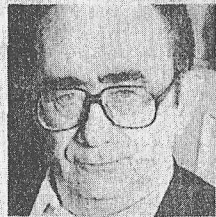
Affonso Romano de Sant'Anna

O TIME DE ESCRITORES

Ficcionistas, ensaístas, jornalistas e poetas levarão à Alemanha uma imagem mais verdadeira do Brasil.



Antônio Cicero



Antônio Olinto



Antônio Torres



Chico Buarque



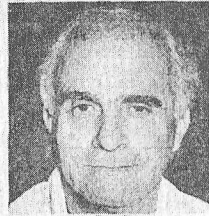
Darcy Ribeiro



Fábio Lucas



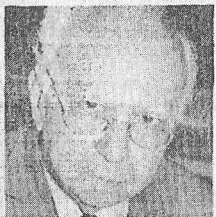
Ferreira Gullar



Ignácio Loyola Brandão



João Ubaldo Ribeiro



José Montello



Lygia Fagundes Telles



Márcio Souza



Moacir Werneck de Castro



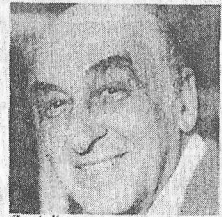
Moacyr Scliar



Nêida Piñon



Roberto Drummond



Zuenir Ventura

100.000 empregados em 18.000 editoras e 100.000 livrarias, produzem por ano um total de 300.000 títulos para 370 milhões de consumidores. Que beleza! Quando chegaremos lá? Um dia chegaremos, por certo. Mas desde logo podemos dizer que para o intenso patrimônio da cultura européia nós demos ao longo dos séculos uma contribuição substancial.

Para atingir tão altos patamares, a Europa recebeu o nosso ouro, as nossas madeiras, os nossos produtos naturais, de mão beijada, tudo abundantemente irrigado com o sangue de nossos aborígenes e dos negros trazidos da África para o trabalho escravo. É verdade que os tupinambás comeram Hans Staden, mas em compensação nossos índios, ao serem mostrados na Europa, inspiraram Montaigne, depois Rousseau, Pufendorf e outros pensadores, que fizeram do 'bom selvagem' o símbolo e o fermento das idéias de liberdade no mundo" (*Jornal do Brasil*, 15-10-94).

II

De Paris, Zuenir Ventura relatava os ecos da feira para a massa anônima de leitores brasileiros que, de longe, seguia os eventos:

"A diplomacia aqui está em festa. Depois da eleição do Fernando Henrique, depois da Feira de Frankfurt, a Europa pode não ter se curvado ao Brasil, mas que chegou a fazer uma leve reverência, isso chegou.

No terreno da literatura é como se tivéssemos ganho uma Copa do Mundo, por exemplo, de Portugal — justamente o ano em que Lisboa foi escolhida a 'capital cultural da Europa'. Apesar de todo o dinheiro investido pela Comunidade Européia, a imprensa parisiense deu mais destaque ao que ocorreu durante uma semana em Frankfurt do que ao que passou o ano todo em Portugal. A cultura fez pela imagem do Brasil o que só o esporte costuma fazer. (...)

Se houvesse um evento desses por ano cessariam aquelas perguntas incômodas que os europeus gostam de fazer sem olhar o próprio rabo, que pode se chamar Bósnia, racismo, xenofobismo, neo-nazismo. 'Vocês ainda exterminam meninos de rua?', 'Continua o genocídio de índios?'. Eles adoram provocar.

Em Frankfurt os brasileiros responderam muito

bem a essas inconveniências. A um gringo que insistia em afirmar que no carnaval se matava muita gente no Rio, Ferreira Gullar disse que não, porque nessa época os traficantes ou estavam sambando ou vendendo drogas para os turistas estrangeiros. Lygia Fagundes Telles, por ser moça fina, conteve o que tinha para dizer quando ouviu se repetirem as denúncias de extermínio, massacre e genocídio. Ela respondeu tudo à altura, mas saiu com uma resposta na garganta. O que ela teve vontade de dizer foi que a Alemanha não era o lugar indicado para se falar em genocídio. Imaginem o mal-estar se ela não se contivesse.

Quem não se conteve foi o incontinente Darcy Ribeiro. Insubordinado às formalidades da civilização ocidental, ele começou interrompendo seu colega alemão na mesa-redonda, para reclamar que ele estava falando "muita bobagem sobre o Brasil". Era só o começo. O mínimo que disse para uma platéia divertida e espantada era que tudo de bom acontecido na Velha Europa viera do Novo Mundo, inclusive a Revolução Francesa. Montaigne, Rousseau, todos os que acenderam as luzes da civilização moderna, se inspiraram nos nossos bons selvagens. Dá gosto ver o Darcy na Europa sacudindo a pasmação mental de um continente velho e cansado. Lembra Glauber Rocha (...) Como Glauber, Darcy é a cara de um Brasil soberbo, *naif*, não colonizado, orgulhoso, bárbaro e muito engraçado (...) Nessa hora de submissão total à 'nova ordem mundial', é bom ver as peraltices desse bom e inconveniente selvagem, que resiste à civilização européia não por ignorância, mas por saber tudo sobre ela.

Darcy veio a Paris no dia seguinte à mesa-redonda em que desafiou os alemães. Mas só ficou 24 horas. Uma labirintite e uma súbita alteração da pressão arterial o derrubaram. Estirado sobre a cama de um modesto hotel em Montparnasse, ele continuava o debate de Frankfurt. Falava, para variar, das "índias nuas, de suas vergonhas, das doenças que Anchieta levou para o Brasil, das três vezes em que os índios se negaram a comer van Staden porque era um 'cagão' e os antropófagos só devoram os corajosos.

O médico, chamado às pressas, aplicou uma injeção de urgência e ficou impressionado com o índice de pressão e sobretudo com a energia do paciente (...) 'É preciso sossegá-lo, é preciso fazê-lo calar'. Expliquei ao médico que isso era

impossível. Nem os militares, quando tinham o poder, conseguiram (...) Pouco depois Darcy voltava ao Brasil, cambaleando e com uma pressão que só Deus sabia a altura. Para quem gosta de alegoria, como ele, estava ali uma imagem alegórica que bem poderia ser a do Brasil — sem muito equilíbrio, respirando mal, à beira de um colapso, mas com uma disposição de jovem e com a cabeça cheia de idéias.” (*Jornal do Brasil*, 15-10-94).

Esse tipo de artigos ilustra, de modo cristalino, a dulcificação da violência direta transformada em discursos, no uso contido da linguagem, nas imagens da *língua brasileira* e seus gêneros impressos e discursivos que escritores e leitores exercitam, como ninguém, por meio da introspecção individualizada e da imaginação sublimada, desde a invenção da “civilização”. Entre essas artes simbólicas, os discursos nacionalistas especializam-se na ironia (“o Darcy gosta de provocar”, dizia Zuenir Ventura), a desqualificação e o assassinio virtual das afirmações e provocações semelhantes do “outro nacional”, real ou imaginado.

Em declarações públicas ou em suas colunas de opinião na imprensa, burocratas e sacerdotes da cultura apresentavam-se em território estrangeiro munidos de metáforas agressivas. As palavras de ordem “rechaçar os estereótipos”, “mostrar a eles uma tradição desconhecida e complexa”, “sintetizar a diversidade em mostras e debates” (Felipe Lindoso, “Teoria incompleta de uma exposição brasileira”, *Folha de S. Paulo, Mais!*, 20-11-94), eram enfaticamente pronunciadas antes e durante a feira. A imagem consensual e coesa transmitida pelos editores, autoridades culturais, escritores e imprensa, assinalava o triunfo de um conjunto particular de estratégias de oficialização.

Entre burocratas e sacerdotes, os profetas esperaram o final da feira para proclamar através de outros jornais de grande circulação, seu desagrado pelo que “continuamos exibindo”.

Profecias Des-autorizantes

Houve uma nítida divisão do trabalho de registro e difusão jornalística do evento entre os principais jornais brasileiros que fizeram a

cobertura da feira (*Folha de S. Paulo* e *Jornal do Brasil*). A *Folha de S. Paulo* realçava Chico Buarque, o *Jornal do Brasil* destacava Paulo Coelho. O primeiro, mais cético, contextualizava os marcos gerais da realidade social e cultural alemã e internacional; o segundo dava mais atenção aos preparativos oficiais, como “a lista do ministro”, e focalizava os eventos particulares e as questões *brasilianas*.

Tanto na *Folha* quanto em outros jornais predominaram polêmicas e mensagens cétricas como meio de expressão das vozes de um outro Brasil. Para Marilene Felinto, em Frankfurt “o Brasil apresentou a imagem de um país informal” (*Folha de S. Paulo, Ilustrada*, 11-10-94). Na sua opinião, a exposição refletiu uma organização de “burocratas da cultura”, que gastaram milhões de dólares para levar um grupo de “escritores oficiais”, cujas “maiores estrelas eram extra-literárias” (Chico Buarque e Paulo Coelho). Os demais transmitiam, predominantemente, o “ar vetusto de uma literatura pouco expressiva (...) O que ficou foi a imagem do ‘Bar Ipanema’”. Com análoga ironia, pujante e ficcional, Diogo Mainardi dizia que a homenagem “terminou com pavilhão demais e escritor de menos” (...) “nosso pavilhão lembrava um balneário” e a “verdadeira atração mística da feira foi Paulo Coelho que raramente visitava nosso posto *verde-amarelo*” (“Fim de feira”, *Veja*, 19-10-94, p. 106). Ali onde Ventura e Werneck de Castro davam voz às expressões universais dos expositores brasileiros, Mainardi fazia-o em um sentido completamente oposto:

“A pior coisa que se pode fazer com um escritor brasileiro é dar-lhe um microfone”. Fagundes Telles: “O problema da droga no Brasil só será resolvido quando os americanos tirarem seus drogadinhos das ruas de Nova York”. Darcy Ribeiro: “Os americanos não têm o direito de criticar a matança de índios no Brasil porque eles também mataram”. Infelizmente não é possível reproduzir o tom acalorado dos oradores, seus rostos vermelhos de raiva, a veia inchada no pescoço, os perdigotos assassinos sobre a platéia indefesa. A fim de reforçar a sua imagem folcló-

rica, entre os jornalistas corria a história de que Darcy Ribeiro também tentou agarrar uma intérprete alemã (sem sucesso). Não sei se se deve acreditar nessa notícia. Como se sabe, os jornalistas costumam ser malignos (...) O Brasil não tem mais do que quatro ou cinco escritores, mas o mundo não está interessado nem mesmo nesses quatro ou cinco. O que dizer de nós? (*op. cit.*).

William Waack, de um lado, descrevia como Paulo Coelho era “o único brasileiro, fora Jorginho e Dunga, procurado pelo *Bild Zeitung*, jornal com 4,6 milhões de exemplares diários” (“O mundo se curva ao mago”, *Veja*, 19-10-94, p. 107). Lilia Moritz Schwarcz, de outro lado, escrevia uma coluna na *Folha de S. Paulo*, onde afirmava que em Frankfurt foi apresentado “*Um Brasil caricatural para alemão ver*” (*Mais!*, 6-11-94). Na sua opinião, “o Brasil não se arriscou” em mais uma feira dominada por um ambiente profissional neurótico, apresentando um estilo expositivo análogo ao coordenado pelo próprio Imperador nas exposições universais do final do século passado, quando o princípio de distinção nacional era predominantemente racial. Na exposição central apresentou-se “um país sem fronteiras, um local onde tudo tende a atenuar-se, como numa versão freyriana da realidade (...) Estávamos diante de um santuário com imagens para exportação”, dizia, referindo-se a Ayrton Senna, Romário e às imagens do carnaval carioca, cercadas por televisores e “caricaturas de alguns escritores tropicais como Jorge Amado, Gilberto Freyre e Nelson Rodrigues”. Para esta autora, a mostra, em sua totalidade, passava uma imagem homogeneizadora, organizada “com a finalidade de oficializar imagens cristalizadas”. Lilia Schwarcz terminava sua coluna, escrevendo:

“Resta pensar se o Brasil que foi tema da feira de livros de Frankfurt foi o mesmo que se sentou com Pedro II em finais do século nas exposições universais, ou então é a nossa representação externa que pouco mudou. Na lógica do contraste, que faz da alteridade uma marca fundamental, é um Brasil pela negação que desponta, aquele que é os outros não são. Se não se trata de dizer não a qualquer singularidade, a questão é indagar porque em momentos como esse aparecemos

sempre como o outro lado, a outra face. Como dizia o texto da exposição, esse continua a ser um país simpático em que o que importa mesmo é política, mulher e futebol”.

Irritado, Felipe Lindoso, um dos representantes da comissão organizadora, não tardou a responder, apresentando-se, por sua vez, como especialista da mesma área de Lilia Schwarcz. Como *mestre em antropologia social*, contestou a crítica, dirigindo-se à Moritz Schwarcz “editora”, e associando-a à legião de neuróticos e aflitos negociantes da feira internacional. Depois de desqualificar “o método” legítimo de observação e análise da disciplina que os une, Lindoso acusou:

“Quem viu homogeneidade na exposição realmente não viu nada. Apenas passeou por lá e resolveu escrever para ‘épater’ e revelar-se como alguém que aqui quer por força mostrar que é do ‘Primeiro Mundo’ e lá fora faz questão de esconder que é brasileiro. Em tempo: a Companhia das Letras, à qual está vinculada a professora-editora, não colaborou em nada com a apresentação brasileira”. (Felipe Lindoso, “Teoria incompleta de uma exposição brasileira”, *Folha de S. Paulo*, *Mais!*, 20-11-94).

Se fôssemos acompanhar a relação entre as opiniões de editores e escritores sobre o evento, sua distribuição por casas editoras e a posição destas no estado atual do campo editorial, certamente encontraríamos um princípio fundador de seus discursos. Porém, não é possível nos alongarmos aqui sobre esse assunto. Cabe ressaltar que tanto os agentes cuja trajetória os predispõe a desempenhar as funções de delegado e porta-voz, quanto aqueles inconformados com as regras do jogo e que não ocultam suas transgressões ou sua pretensão a uma reversão da ordem (Bourdieu, 1991: p. 184), contribuem para a existência das representações legítimas, “oficiais”, sobre a nação e as regras que orientam as práticas de sua transmissão e interiorização.

Ofensa, indignação, ironia, desqualificação, exaltação, as disciplinas, a literatura, os jornalistas, a burocracia, a biblioteca, as editoras, as entidades de classe, os *curadores*, tudo isso são retóricas de agentes especializa-

dos em delinear e transmitir o que é a nação, utilizados numa aguerrida luta de opiniões que tem por objetivo conquistar a opinião pública, impor categorias legítimas, um estilo para imaginar a comunidade brasileira, e obter a adesão e o reconhecimento cultural internacional.

A Nação, a Língua e um Lugar no Mundo Editorial

O domínio do jogo para *expor* o país é uma das principais estratégias editoriais e intelectuais para apropriar-se e *impor* os instrumentos de objetivação do que é o país e o que são as práticas do mercado de livros.

As formas de organização da apresentação brasileira em Frankfurt foram análogas às de todos os participantes: mostras de diversas artes, conferências, história literária, painéis, culinária, catálogos etc. A padronização dos estilos de exposição dos países é precedida por práticas profissionais estandardizadas, difundidas de maneira descontínua através das praças de mercado e reafirmadas cotidianamente por agentes literários, caçadores de talentos (*scouts*), estudos de direito internacional, periódicos, catálogos, estatísticas e outros meios e sistemas de agentes dispostos a fazer circular concepções e bens *entre* mercados nacionais. O mercado editorial mundial se imagina, se comunica e se constitui por intermédio de suportes impressos específicos e das especializações profissionais. As crenças para efeito interno e para efeito de “outros nacionais” acerca da posição relativa e do potencial do mercado nacional manifestam-se como poder simbólico, orientador das práticas que dominam um campo editorial.³²

— Qual é a posição do mercado brasileiro no mundo editorial?

— Bom, em valores absolutos é uma posição excelente. Está em 7.º ou 8.º lugar. Nós estamos com 300 milhões de exemplares por ano produzidos. Só para citar números comparativos, a Espanha faz 280 milhões; nós temos 28 mil títulos publicados por ano e a Espanha tem 36 mil. Em número de títulos a oferta ainda é maior

na Espanha, mas em número de exemplares, apesar de a Espanha ter toda a América Latina como mercado, na América Latina o Brasil representa 40% do mercado. Agora, em números relativos ainda estamos muito baixos, quer dizer: com 300 milhões; tem-se dois livros per capita, quando os países desenvolvidos têm 8, 10, até 12 per capita”. (Alfredo Weiszflog, entrevista, agosto de 1994).

A posição do país é determinada em meio a um jogo marcado por extrema tensão relativamente a outros participantes também reunidos sob a capa do (des)interesse genérico quanto aos “livros-da-nação” ou à “língua-mãe”. Neste sentido, a concretização do Projeto Frankfurt dinamizou a oferta e a disputa de um espectro de recursos que, parafraseando Antônio Cândido, motivou o Brasil a “palpar-se” no contexto editorial e literário internacional:

“O Brasil é um país passivo, tem uma tradição passiva nesse sentido porque tem um mercado enorme. A música brasileira, por exemplo, que é muito popular fora do Brasil, sai à revelia. Nenhum projeto de vender ou exportar isso. Então nunca existiu, nunca o governo, desde a proclamação da República, instituiu de alguma maneira um órgão que fizesse divulgação. Só quando nós entramos na Biblioteca, eu e Affonso, é que nós criamos dentro da estrutura do DNL uma seção de difusão internacional. É o primeiro órgão oficial internacional.” (Márcio Souza, entrevista, setembro de 1994).

Repartições públicas dedicadas à promoção internacional da “cultura brasileira” e mostras brasileiras em outros países existiram pelo menos durante o Estado Novo (*Serviço de Cooperação Intelectual do Itamarati*, Mello, 1937: p. 106; *Exposição do Livro Brasileiro em Montevideu* de 1939, Pongetti, 1940: p. 199). Uma análise comparativa das formas de apresentar o país nos dois períodos poderia evidenciar que, em grande parte, os estilos de configuração das imagens referentes às relações indivíduo-sociedade, produção intelectual-expressão popular etc., são similares. Em ambos os períodos, a exposição do país no exterior tendeu a reorganizar perguntas, dilemas (“quem somos nós, os brasileiros” e “qual

é o nosso lugar diante das outras nações de livros”) e disputas pelo “aparecimento” de “guias culturais” formuladores de respostas. Entretanto, em cada um desses períodos, a orientação das respostas apresentou sentidos diferentes. Nos anos 30-40, a preocupação era com a materialização das representações do “milagre brasileiro” como potência emergente, uma cultura que nascia e uma ideologia de “tomada de consciência” para enaltecer a honra dos compatriotas. Nos anos 90, trata-se de materializar um país maduro, plenamente consciente da profundidade de sua história, um país que busca produzir a tomada de consciência do “outro nacional” (especificamente os *européus*) a respeito da imperceptibilidade de um país literário construído sobre um modelo civilizador de exportação (miscigenação).

Tudo se passa como se a competição entre culturas classificadas por países tivesse como suposto que o tempo de formação dos Estados-nação já foi sepultado para dar lugar a um período de refinamento dos paradigmas civilizadores das nações maduras que já acumularam inúmeras bibliotecas sobre sua história e se dispõem a convergir num entrelaçamento internacional institucionalizado.

As exposições procuram criar um lugar para o mercado nacional numa ordem internacional e ganhar e manter posições já alcançadas num espaço de interdependência ampliado. Contudo, a percepção das dimensões e orientações desse espaço é distinta entre os agentes de diferentes países. Por sua vez, a competição para impor uma visão sobre “o destino e o lugar do povo” no mercado internacional é gerada em espaços de competição nacionais, como *locus* de apropriação diferenciada dos meios de percepção e orientação em um contexto internacional. Daí decorre a importância estratégica das posições dos “representantes oficiais”, como re-inventores de uma tradição que permite advertir publicamente como e até onde se deve atuar:

“O Brasil está perdendo terreno na divulgação internacional de sua literatura, especialmente na

França, frente a países que antes eram insignificantes, como Portugal e Espanha”.³³

“O Brasil tem uma tradição muito particular no contexto da América Latina. O Brasil tem uma língua que, junto com Quebec, enfrenta o poderio da língua da América Espanhola. Além disso, como Quebec, tem um mercado interno, isto é, seus escritores podem viver somente de escrever aqui; então são países voltados para si mesmos, não possuem uma tradição internacional. Os países hispano-americanos são todos muito frágeis em termos de indústria editorial; então eles têm que juntar-se, exportar para a Espanha, e a maioria dos escritores são membros do corpo diplomático nos países hispano-americanos, quando não são funcionários públicos e diplomatas. Então a difusão da literatura em espanhol tem muito mais presença no mundo: primeiro pela importância política da língua, e depois porque a maioria dos escritores são diplomatas. E também é uma literatura voltada para o exterior, porque tem de sair. Um escritor da Argentina tem um mercado deste tamanho [gesto manual de pequenez], então tem que publicar na Venezuela, no México” (Márcio Souza, entrevista, setembro de 1994).

“O evento terá um efeito duplo, chamando a atenção para o Brasil no exterior no momento em que termina o *boom* latino-americano, provocando a própria revitalização da literatura brasileira (...) Para muitos leitores o realismo mágico já não é novidade, e as ditaduras parecem coisas do passado. Esta troca pode ser benéfica para a literatura brasileira” (Moacir Scliar, *Jornal do Brasil*, 24-09-94: p. 5).

“Há anos vivemos *atrelados* à sombra da literatura hispano-americana, sem jamais haver adquirido nitidez e reconhecimento editorial” (Nélida Piñon, *Jornal do Brasil, Idéias*, 24-09-94: p. 3).

“O *boom* da literatura latino-americana privilegiou apenas a língua espanhola” (Fábio Lucas, *Jornal do Brasil, Idéias*, 24-09-94: p. 3).

Para os escritores, sua escolha como representantes é uma oportunidade de tornar públicas mensagens inscritas de modo não literal em suas narrativas. A delegação de representação é uma oportunidade de institucionalizar a crença em novos critérios de distinção a ser adotados pelo país, algo “tão natural e

inexorável” como a língua falada. As relações *Brasil-América Latina, América espanhola, América do Sul, Mercosul, português-Portugal*, se constroem em um vaivém simbólico de fluxo e refluxo histórico. Nessas circunstâncias, predominam as representações sobre um Brasil que *despontou* num cenário continental e lingüístico e que pode reivindicar, de modo autônomo, um lugar entre as primeiras nações, aquelas que, no entanto, “não se deram conta” do “outro Brasil”. A encenação do Brasil-marca, Brasil-povo, Brasil-modelo civilizador em Frankfurt foi um ritual com pretensões de institucionalização de “novas políticas culturais” orientadas para o exterior. A mesma mostra exibida em Frankfurt foi montada, alguns meses depois, em Bogotá. O Brasil foi tema em Bolonha, a principal feira do livro infantil e já tomaram corpo novos acordos entre o Estado e as entidades de classe para conquistar maior notoriedade no mercado internacional.

Conclusão

A nação, a Moral Profissional e o Mercado Internacional de Livros

A homenagem em Frankfurt permitiu observar a exteriorização de uma hierarquia de oposições classificatórias interiorizadas. Editores, tradutores, escritores e acadêmicos-representantes, expressavam de modos diferentes o que é o *Brasil*, segundo contextos comunicativos específicos, para identificação do receptor das mensagens; às vezes, como parte da comunidade lusófona, outras, como latino-americanos e, em outras ocasiões ainda, contestando essas categorias. É inevitável que se formem imagens sobre a maneira como os “outros nacionais” vêem o país, especialmente sobre os agentes de certos mercados — o alemão, por exemplo — capazes de delimitar o lugar e a potencialidade de cada mercado. Esse enfrentamento pluridirecional gera práticas e bens simbólicos específicos

para individualizar o *Brasil* no “concerto das nações”.

A construção da exposição transcorreu como um drama e uma luta. Drama por serem os brasileiros “mal compreendidos” pelos europeus. Luta contra “clichês” e estereótipos negativos dos agentes de países que ocupam uma posição de legisladores sobre a ordem editorial internacional. Essa dinâmica expressou-se na oposição entre burocratas, sacerdotes e profetas, com suas teodicéias.

Os livros e os editores foram tanto bens quanto especialistas escolhidos para enfrentar o complexo panorama da individualidade do Brasil. Os primeiros são suportes materiais historicamente consagrados para a comunicação de mensagens sobre identidade, caráter, sensibilidade, perfil e outras essências “dos povos”. Os segundos são personagens centrais na organização da ordem dos livros, sua percepção e apropriação por um público.

A análise de um espetáculo de ritualização, como as feiras internacionais e a ação de comunidades morais-profissionais (Durkheim, 1985), permitiu examinar as condições específicas através das quais se tornam públicas as mensagens sobre a nação. Assim foi possível demonstrar a imbricação de três processos culturais e sociais solidários: *internacionalização — nacionalismo — profissionalização*.

As imagens de nação são construídas na complexa tensão entre bens comuns e interesses privados. Contudo, a apresentação do país obriga seus representantes e porta-vozes a negar seus interesses sob a capa de uma lógica de missão e devotamento ao bem comum. É por esse motivo que a análise do processo de oficialização do evento foi fundamental para compreender a maneira como a individualização dessa comunidade profissional passa pela diferenciação do país entre outras comunidades semelhantes. Ao mesmo tempo, colocou-se em evidência um jogo de apropriações e disputas para falar do país, através do qual os agentes obtêm poder para dominar o mercado nacional de livros. Paralelamente à multiplicação dos discursos que impõem a categoria de *profissionais do livro* e *profissionalização*

do setor consolida-se um processo de estreitamento da dependência do mercado nacional e das imagens do país dentro de um emaranhado de dimensão internacional. A identidade do Brasil passa por um jogo de publicidade cada vez mais sutil e complexo. A identidade das profissões do livro e a publicação de mensagens de brasilidade passa por Frankfurt e outros lugares de mercado. O *Brasil* se re-faz no cenário mundial, como um caso particular dos fenômenos que afirmam que as formas de classificação nacionais e sua transmissão por meio de livros não entram em colapso automaticamente em decorrência dos processos de "globalização". Em todo caso, a etnografia, a objetivação de redes de agentes concretos e suas práticas de legitimação, podem demonstrar a maior complexidade de processos culturais que não se circunscrevem dicotomicamente a uma "era do nacionalismo" e uma "era da globalização".

O anexo (p. 31) mostra as cidades que publicaram e traduziram pelo menos cinco textos de autores brasileiros. Os responsáveis pela publicação da BN que serviu de base para confeccionar o quadro contabilizaram 1.467 títulos de autores brasileiros traduzidos, 223 participações em antologias e trabalhos coletivos e 19 trabalhos sobre lingüística e literatura brasileira disponíveis em outras línguas. Por outro lado, trata-se de livros disponíveis "em catálogo", nas respectivas cidades. Esta compilação é a primeira deste tipo reali-

zada no Brasil, como reconhecem seus realizadores, e pode estar sujeita a modificações.

Entre as possibilidades de análise do ponto de vista deste artigo, cabe assinalar o grande predomínio de Paris e Buenos Aires, e a distância de outras cidades. Assim, Frankfurt ocupa o sexto lugar. Sem dúvida, o caso alemão é o de maior diversificação por diferentes cidades "editoras" (seis neste quadro) que, ao todo, somam 172 títulos de autores brasileiros traduzidos para o alemão. Além disso, na classificação lingüística, o espanhol sobressai com 400 títulos de autores brasileiros disponíveis em um mercado lingüístico interdependente. Em segundo lugar, estão o francês, com 242 títulos, e o inglês com 238.

Este tipo de quadro ilumina os contrastes entre os recursos simbólicos mobilizados pelas opiniões dominantes no campo editorial brasileiro a respeito de onde inserir-se e com quem disputar o reconhecimento editorial dos mais nobres produtos de exportação da nação, em contraste com as relações materiais de publicação concreta de autores brasileiros traduzidos. Assim, este quadro permitiria levantar interessantes hipóteses históricas acerca dos lugares que, em outras épocas, ocuparam posições homólogas a Frankfurt na mentalidade dos homens do livro no Brasil.

(Recebido para publicação
em outubro de 1995)

Notas

1. A versão original deste texto foi apresentada em um curso sobre "nações, nacionalismos e nacionalistas", ministrado pelo professor Federico Neiburg, no primeiro semestre de 1995, no PPGAS, Museu Nacional, UFRJ. Agradeço ao professor Neiburg por seu estímulo e pelos comentários críticos. Também desejo agradecer a Afrânio Garcia e Monique de Saint Martin por discutirem este texto e terem proporcionado rigorosas observações e sugestões. [A tradução do original castelhano *Entre Rio y Francfort los Libros del Brasil* é de Vera Pereira.]
2. A diferença entre texto e livro é enfatizada por Roger Chartier, que cita esta esclarecedora frase de Sttodard: "(...) Façam o que fizerem, os autores não escrevem livros. Os livros não são absolutamente escritos. Eles são fabricados por copistas e outros artífices, por trabalhadores e outros técnicos, por prensas e outras máquinas" (1994: p. 17). A etnografia

que apresento neste artigo pretende mostrar porque, embora os autores (principalmente de literatura e das disciplinas que, como a filosofia e as ciências sociais, também são dominadas por um princípio de autor, Foucault, 1992: p. 25) sejam os mais capacitados para escrever e falar em nome de um 'povo' e sobre a nação, são personagens incompreensíveis se não se consideram as condições que permitem tornar públicas suas mensagens, por meio dos suportes impressos "que os tornam disponíveis para ser lidos, (ou para ser ouvidos)" (Chartier, *op. cit.*) e dos especialistas culturais à sua volta. Dessa maneira, sublinha-se a distinção texto-livro, na medida em que permite analisar "dois conjuntos de dispositivos" para estudar as possibilidades de transmissão cultural de mensagens sobre o Brasil: "os que destacam estratégias textuais e intencionais do autor e os que resultam de decisões de editores" (Chartier, *op. cit.*).

3. *Profissionais do livro* é a denominação nativa que desde os anos 80 prolifera nos discursos de editores, livreiros, agentes literários e outros grupos de especialistas nas posições dominantes em seus respectivos espaços de competição.
4. O uso da *diacrisis* lingüística é o outro fator classificatório dominante e combina-se com o uso das classificações nacionais segundo a relação de oposição especificamente estabelecida pelos agentes ou grupos.
5. É por esse motivo que desde a consolidação desse tipo de eventos tornou-se possível observar seu uso para apresentar a cultura nacional. No Brasil, é possível encontrar esse uso desde 1937, quando o Estado Novo organizou uma Exposição do livro brasileiro em Montevidéu (Pongetti, 1940: p. 106). No momento não tenho informações sobre outra versão do livro e "seus milagres" como meio de apresentar o Brasil. Mas, conforme veremos a partir de uma perspectiva comparada, esse tipo de prática parece ser de consolidação recente, tanto nos países periféricos quanto nos centrais. Pode-se mencionar, para o caso dos anfitriões da exposição brasileira, a German Book Fair em Nova York em 1983 ou a *Semana do Livro Alemão em Madri* em 1985 (Muth, 1986: p. 11).
6. Partindo de uma análise quantitativa sobre "a cultura escrita de massas" e o "verdadeiro mercado mundial de livros", Escarpit propõe a existência de "zonas de alta pressão literária" e "zonas de baixa pressão". Dada a "existência de uma massa considerável de população instruída, economicamente acomodada e politicamente influente; (...) frente às necessidades dessa população, sob a influência dessa vida intelectual, estimulados pela competição que suscita e arrastados por sua expansão (*op. cit.*: p. 99)", os escritores das zonas de alta pressão cruzariam as fronteiras com mais facilidade que os outros. A perspectiva quantitativa desse importante estudo, considerou cada país como uma mônada fechada e uma unidade inquestionável. Nosso trabalho pretende problematizar a construção e o peso específico da idéia de nação, partindo das redes internacionais de agentes concretamente orientados para o mercado mundial.
7. Ver Quadro 6.
8. À medida em que este evento absorvia grande parte das inquietações do mundo editorial local, fui realizando entrevistas com os responsáveis pelo Projeto Frankfurt (Márcio Souza, Alfredo Weiszflog e Felipe Lindoso), assim como recolhendo informações sobre a maneira como uma gama muito variada de editores viam Frankfurt: dos concorrentes habituais, editores das grandes empresas que negociam *best sellers* em leilões internacionais (por exemplo, Paulo Rocco e Luiz Schwarcz) até editores de vanguarda que garimpam novos filões entre autores e tendências não conhecidas no Brasil ou em alternativas situadas em outros países, principalmente os periféricos (por exemplo, Alberto Schprejer e Samuel Leon). Realizei, também, numerosas entrevistas com representantes das câmaras do livro de Portugal, Colômbia e Argentina, com agentes literários, representantes de editoras e entidades alemãs. Agradeço a Diego Sorá a confecção de quadros e estatísticas para este texto.

9. Por isso cabe lembrar o sentido que Hobsbawm e Ranger deram a esse conceito: “Por tradição inventada entende-se um conjunto de práticas, normalmente reguladas por regras tácitas e abertamente aceitas; tais práticas, de natureza ritual e simbólica, buscam inculcar certos valores e normas de comportamento pela repetição, o que implica, automaticamente, uma continuidade em relação ao passado. Além disso, sempre que possível, tenta-se estabelecer uma continuidade histórica apropriada (Hobsbawm e Ranger, 1984: p. 9).
10. Um levantamento feito pela *Folha de S. Paulo*, na época da 46.^a Feira de Frankfurt, demonstrou que, nos quatro meses anteriores à feira, dentre “30 notícias sobre a Alemanha coletadas na imprensa brasileira, apenas 4 não diziam respeito ao nazismo, racismo e fatos de ordem militar” (*Folha de S. Paulo, Mais!*, 25-9-94).
11. “The focal themes were introduced to provide the opportunity for discussion of cultural questions and for the integration of *those literatures which, seen from our viewpoint, are on the periphery of our book world*” (AuM-GmbH, 1989: p. 33). [Os temas centrais foram introduzidos para proporcionar uma oportunidade de discutir questões culturais e para promover a integração das literaturas que, de nosso ponto de vista, estão na periferia de nosso mundo do livro. N. do T.]
12. Do ponto de vista dos organizadores alemães, “the themes of the ‘70 are not those of the 80s: ‘critique’ has lost some of its strength and ‘debate’ has become a diversion, almost a form of entertainment. So the themes continue, every year now, but in a new form, dedicated each time to a single country, which is asked to present its literature in the context of its culture” (AuM-GmbH, 1989: 33). [Os temas da década de 70 não são os mesmos da década de 80: a ‘crítica’ perdeu um pouco de seu vigor e o ‘debate’ tornou-se uma diversão, quase uma forma de entretenimento. De modo que os temas continuam, agora anualmente, mas sob uma nova forma, dedicados, a cada vez, a um único país ao qual se solicita que apresente sua literatura no contexto de sua cultura. N. do T.]
13. Para dar uma idéia ainda mais clara do peso de Frankfurt como lugar de mercado, cabe assinalar que se trata da maior feira de editores de livros em inglês.
14. Parte dessas informações provém de entrevistas realizadas em feiras de livro brasileiras com Magrit Beech (diretora da seção da AuM encarregada de organizar a participação alemã em feiras internacionais de livros em outros países) e Joerg Schawe, membro da Sociedade para a Promoção da Literatura da África, da Ásia e da América Latina e especialista em literatura hispano-americana.
15. Neste tipo de eventos “culturais”, os agentes falam profusamente de civilização, círculos culturais, difusão, áreas de influência. Para além da decadência de paradigmas na Antropologia, essas palavras devem ser pensadas, como propõe Elias, em seus usos históricos e sociais, seu poder simbólico e sua lógica de reprodução.
16. Essa hipótese relativa à retração da edição e circulação de livros em tempos da ditadura decorre do correlato editorial na divulgação de sistemas de pensamento inovadores, no comportamento do público leitor e nas formas e princípios de edição de livros. As lógicas de edição de que se valeu, por exemplo, a profissionalização das ciências sociais na época da ditadura (considerada geralmente, como um raro símbolo de “independência cultural”), não mudaram significativamente com respeito às propostas inovadoras dos anos 40 e 50 a partir dos apêndices editoriais da nova sociologia uspiana “científica e brasileira”, como as editoras Anhembi e Brasiliense. Outras editoras importantes que durante a ditadura publicavam “como podiam” esse “saber liberado”, tais como a Zahar, a Civilização Brasileira e a Paz e Terra, também haviam sido criadas antes de 1964. A hipótese é reforçada pela observação das experiências inovadoras verificadas no início e meados dos anos 80: revitalização da Paz e Terra e da Brasiliense, e, principalmente, a fundação de uma série de pequenas editoras “culturais”, que não param de crescer, desde a

- marcante experiência “literário-social” da Companhia das Letras, em São Paulo, a partir de 1986, e da Relume-Dumará, no Rio de Janeiro, desde 1989.
17. Para melhor entender as condições que possibilitam a percepção do Brasil no exterior; seria fundamental estudar o perfil social e intelectual dos *brasilianistas*. Deveria também levar-se em consideração, no caso dessa feira, Berthold Zilly, que dedicou sete anos à tradução de “Os Sertões”, Ute Hermans e outros “catedráticos” que geralmente atuam como tradutores e são valorizados como “embaixadores da cultura brasileira”. O mesmo poderia ser dito de Luciana Stegagno Picchio para o caso italiano.
 18. Seguem-se a Argentina, com 122 títulos de 32 autores e 4 antologias; a China, com 121 títulos de 58 autores e 21 antologias; a África do Sul, com 120 títulos de 45 autores e 7 antologias; a Índia, com 103 títulos de 35 autores e 22 antologias; o México, com 75 títulos de 22 autores e 9 antologias; e o Chile, com 71 títulos de 20 autores e 3 antologias.
 19. O mercado alemão compõe-se de aproximadamente 2.000 editoras, dez vezes mais que o número de editoras ativas no Brasil. Porém, diferentemente dos mercados brasileiro e dos de língua espanhola, o número de grandes editoras na Alemanha e no Brasil é similar: umas 20 ou 30. A estrutura do mercado alemão caracteriza-se por inúmeras editoras muito pequenas, de 3 ou 4 pessoas cada uma, distribuídas por todo o país. Severas leis antimonopólio fazem com que capitais empresariais alemãs saiam para outros países, como é o caso da Bertelsmann, a maior editora da Alemanha, que participa do Círculo do Livro no Brasil, ou da Plaza Yanez em Barcelona.
 20. Esta é a mais antiga editora de São Paulo. Atualmente é um ponto central do conglomerado de empresas papelarias Melhoramentos, que produzem desde pasta de celulose até papel higiênico, passando por livros e cadernos. Desde que foi fundada, a Melhoramentos destacou-se como pioneira na edição de livros infantis e obras de referência, ainda que em diversos momentos tenha publicado títulos de pensamento social brasileiro e literatura adulta. Alfredo descende do fundador alemão deste símbolo industrial de São Paulo do final do século passado.
 21. Esses três agentes tiveram atuações decisivas na comissão organizadora. Mas o quadro estaria mais completo se levássemos em conta as propriedades sociais que, em diferentes graus, mobilizaram outros importantes articuladores da participação do Brasil na feira; é o caso, por exemplo, de Regina Bilac Pinto, da Editora Forense (livros jurídicos) e de Sérgio Paulo Rouanet, cônsul na Alemanha. Este último, além de ser um filósofo especialista em Habermas, muito conhecido na Europa, ocupou, a partir dos anos 80, cargos públicos importantes para a formulação de políticas de “cultura”. Assim, se poderia demonstrar a combinação de capitais sociais, culturais e econômicos de amplo espectro que formou um poderoso cabedal de recursos mobilizáveis para o Projeto Frankfurt como um todo.
 22. Curador é a denominação que, no campo das artes plásticas no Brasil, se dá aos especialistas “culturais” encarregados da definição de critérios e julgamentos estéticos para selecionar e organizar mostras e exposições.
 23. Entrevista realizada com Alfredo Weizflog, em 27 de agosto de 1994.
 24. Para dar uma idéia da relevância dessa versão especial da participação de editores brasileiros, observe-se que, no ano anterior, quando a Holanda foi homenageada, apenas 26 editoras brasileiras estiveram expondo em um estande de 90 metros quadrados. Para Frankfurt normalmente acorrem os *editores profissionais*, responsáveis por editoras economicamente poderosas, com capacidade para fazer “negócios” em feiras internacionais. Ao lado destas também participam grandes livrarias importadoras, os principais agentes literários brasileiros e estrangeiros que trabalham com autores brasileiros, alguns jornalistas especializados e escritores consagrados, com algum título de boa veiculação internacional. Participar de Frankfurt não é, geralmente, assunto para pequenas editoras: “Para nós, o evento *Brasil*

em Frankfurt não significa muito, para falar a verdade. Creio que não temos no momento nada a fazer, salvo um pouco de turismo, vamos dizer assim, e observar o que se passa em termos editoriais no resto do mundo. Neste sentido, Frankfurt é muito importante para uma editora pequena. Mas não acredito que façamos negócios em Frankfurt. (...) Nosso trabalho é muito mais de observar, de procurar nos catálogos esses filés-mignons dos quais ninguém se dá conta e, bem, se de repente sai, aí tratamos dele aqui; e de repente até que funciona, não é mesmo?" (Entrevista com Samuel León, da Editora Iluminuras, agosto de 1994).

25. Essa coleção foi editada pela CBL, que contratou a Editora Prêmio, especialista em livros de arte; os fotolitos foram realizados pela firma Book e Fotoline e a impressão ficou a cargo da Companhia Melhoramentos. A cada livro correspondia uma mostra e um pôster confeccionado por Moema Cavalcante. A idéia original era imprimi-los na Alemanha, mas decidiu-se fazer a impressão no Brasil como objetivação "não somente de um panorama da cultura brasileira como das possibilidades efetivas da indústria editorial e gráfica brasileira". (Weiszlog, *ibidem*).
26. A homogeneidade das idéias defendidas por grande parte dos escritores e editores-representantes pode ser exemplificada ainda pelas seguintes declarações de Antônio Cícero. Concordando com "a necessidade de passar de uma posição passiva à ofensiva no plano internacional", ele dizia: "Nossa diversidade cultural e racial parece-me ser uma solução mais interessante do que a moda multiculturalista em curso atualmente nos Estados Unidos e na Europa. Eles apregoam um certo separatismo que me parece mais pobre do que nossa mistura, nossa miscigenação cultural" (*Jornal do Brasil, Idéias*, 24-9-94, p. 1).
27. A lista gerou grande polêmica entre autores sensíveis ao deslocamento, como Sérgio Santana e Eric Nepomuceno (*Jornal do Brasil, Caderno B*, 21-9-94, p. 1). Alguns artigos comparavam a lista do ministro com a lista de Schindler, por representar uma "esperança de salvação", tanto em um sentido social quanto individual. Salvação social porque, mais uma vez, a feira era uma "rara oportunidade de projetar de modo positivo a imagem do país no exterior"; salvação individual porque a lista "passou a ser encarada por vários autores como uma forma de escapar das trevas do não-reconhecimento" (Luciana Villas Boas, *Jornal do Brasil, Caderno B*, 21-9-94).
28. Entrevista concedida por Luiz Nascimento Silva e publicada pelo suplemento *Idéias* do *Jornal do Brasil*, 24-9-94.
29. Esses dois escritores consagrados foram os representantes do Estado que mais se distinguiram, levando-se em conta que vários ministros da Cultura desfilaram por Brasília desde o começo do Projeto Frankfurt.
30. Para Geertz, essa conjunção relaciona "dois poderosos motivos interdependentes, mas distintos e freqüentemente opostos: o desejo de ser reconhecido como agente responsável cujas aspirações, ações, esperanças e opiniões contam, e o desejo de construir um Estado moderno, eficiente e dinâmico. A primeira aspiração representa uma busca de identidade e a demanda de que essa identidade seja publicamente reconhecida como importante; é a afirmação social de 'ser alguém no mundo'. A outra aspiração é de ordem prática: uma demanda de progresso, de uma ordem política mais efetiva (...) e a demanda de 'desempenhar um papel no cenário maior da política internacional', de 'exercer influência entre as nações'" (1987: p. 221).
31. Na Casa da Leitura realizaram-se debates, mesas redondas, conferências, *workshops*, com escritores brasileiros e comentaristas alemães. Por outro lado, o quadro de realizadores, autores e agentes "convidados" a dar forma à exposição foi completado por um grupo de escritores que fizeram um "tour literário" por diversas cidades da Alemanha, lendo, apresentando e discutindo suas obras em centros culturais, universidades e bibliotecas. Os

escritores escolhidos para esse *tour* foram Caio Fernando Abreu, Sérgio Sant'Ana, Paulo Coelho, Ignácio de Loyola Brandão, Moacir Scliar, João Ubaldo Ribeiro, Ivan Ângelo, Caco Barcelos, Muniz Sodré, Márcio de Souza, Bernardo Ellis e Ziraldo.

32. O registro estatístico da produção de livros no Brasil só passou a ser sistemático no início dos anos 80, no plano nacional. Como parte das ações do Projeto Frankfurt, no começo da década de 90, o Departamento Nacional do Livro deu início à confecção de catálogos e publicações especializadas em outros idiomas. Entre outras iniciativas do DNL para conceber um mercado editorial internacional foram a organização de Encontros Internacionais de Agentes Literários, a introdução de um sistema de bolsas para tradutores estrangeiros de títulos brasileiros e o lançamento do *The Brazilian Book Magazine*, publicação de resenhas de livros editados no Brasil.
33. Encontro Internacional de Agentes Literários, organizado pela Biblioteca Nacional em agosto de 1992, durante a XII Bienal Internacional do Livro de São Paulo - II SILAR.

Anexo
Cidades e Número de Títulos de Autores Brasileiros Traduzidos no Exterior

Cidade	Títulos	Cidade	Títulos
Paris	232 - 3*	Caracas	12 - 1
Buenos Aires	201 - 11 - 3**	Bucareste	10
Nova York	127 - 12 - 6	Viena	10 - 1
Londres	87 - 2	Turim	10 - 2
Barcelona	71	Helsinque	9
Frankfurt	59 - 3	Aardus	8
Estocolmo	56 - 20	Tóquio	8
Madri	54 - 2	Cracóvia	8 - 9
Praga	50 - 8	Montevideu	8
Munique	31 - 3	Santiago	8 - 3
Berlim	27 - 32	Stuttgart	7
Milão	26 - 3	Lima	7
México	24 - 4	Reinbeck	7
Lisboa	23 - 3	Moscou	7
Hamburgo	22 - 2	Berkeley	6
Colônia	21 - 3	Zurique	6
Austin (Texas)	18	Seul	6
Oslo	15 - 1	Budapeste	6 - 2
Roma	15 - 2	Wuppertal	5
Copenhague	15 - 14	Varsóvia	5
Amsterdã	14 - 6	Arles	5
Bogotá	12 - 2	Aix-en-Provence	5

Fonte: Sistematização dos dados contidos em *Brazilian Authors Translated Abroad*, Rio de Janeiro, Fundação Biblioteca Nacional, 1994, 259 pp.. (*) Autores publicados em antologias e coletâneas; (**) Títulos sobre lingüística e literatura brasileira disponíveis em outras línguas.

Bibliografía

- Anderson, Benedict
1993 *Comunidades imaginadas. Reflexiones sobre el origen y la difusión del nacionalismo*. México, Fondo de Cultura Económica
- Ausstellungs- und Messe GmbH
1989 *Frankfurt Book Fair*. Frankfurt am Main, Börsenvereins des Deutschen Buchhandels.
- Buchhändler-Vereinigung GmbH
1991 *Buch und Buchhandel in Zahlen 1991*. Frankfurt am Main, Börsenvereins des Deutschen Buchhandels.
- Bourdieu, Pierre
1982 *Ce que parler veut dire. L'économie des échanges linguistiques*. Paris, Fayard.
1991 *El Sentido Práctico*. Madrid, Taurus.
- Chartier, Roger
1994 *A ordem dos livros*. Brasília, Ed. UnB.
- Durkheim, Emile
1985 "Algunas observaciones sobre las agrupaciones profesionales". In, *La División del Trabajo Social*, (prefácio à segunda edição). Barcelona, Planeta — De Agostini.
- Elias, Norbert
1994 *El proceso de la civilización*. México, Fondo de Cultura Económica.
- Escarpit, Robert
1968 *La revolución del libro*. Madrid, Alianza - Unesco.
- Foucault, Michel
1992 *El Orden del Discurso*. Buenos Aires, Tusquets.
- Fundação Biblioteca Nacional
1994 *Brazilian authors translated abroad*. Rio de Janeiro, Departamento Nacional do Livro.
- Geertz, Clifford
1987 "La revolución integradora. Sentimientos primordiales y política civil en los nuevos estados". In, *La interpretación de las culturas*. México, Gedisa.
- Gellner, Ernest
1983 *Nations and nationalism*. Londres, Basil Blackwell.
- Gesellschaft zur Förderung der Literatur aus Afrika, Asien und Lateinamerika
1993 *Quellen. Zeitgenössische Literatur aus Afrika, Asien und Lateinamerika in deutscher Sprache 1992-1993*. Frankfurt am Main.
- Habermas, Jürgen
1984 *Mudança estrutural da esfera pública*. Rio de Janeiro, Tempo Brasileiro.
- Hobsbawm, Eric
1990 *Nações e nacionalismos desde 1870*. Rio de Janeiro - São Paulo, Paz e Terra.
- Hobsbawm, Eric e Terence Ranger
1994 *A invenção das tradições*. Rio de Janeiro - São Paulo, Paz e Terra.

- Leite Lopes, José Sergio
1994 "A vitória do futebol que incorporou a *pelada*: a invenção do jornalismo esportivo e a entrada dos negros no futebol brasileiro". *Revista da USP*, n. 22.
- Mauss, Marcel
1972 "La nación". In, *Obras*, vol. III. Barcelona, Barral editores.
- Mello, Plínio de
1938 "Serviço de Cooperação Intelectual". *Anuário Brasileiro de Literatura 1937*. Rio de Janeiro, Irmãos Pongetti editores.
- Muth, Helmut
1986 *Die Frankfurter Buchmesse*. Munich, Institut für Auslandsbeziehungen in Zusammenarbeit mit dem Goethe-Institut.
- Pongetti, Irmãos
1940 *Anuário Brasileiro de Literatura 1940*. Rio de Janeiro, Irmãos Pongetti editores.
- Weber, Max
1992 "Las comunidades políticas". In, *Economía y Sociedad*. México, Fondo de Cultura Económica.

Resumo

Os Livros do Brasil entre o Rio de Janeiro e Frankfurt

O artigo apresenta uma etnografia da organização e encenação da homenagem ao Brasil realizada durante a 46.^a feira internacional do livro de Frankfurt, em outubro de 1994. Focaliza as profissões ligadas à produção de livros e o poder do livro na construção social dos emblemas, estereótipos e sentimentos de uma nacionalidade. Inversamente, procura compreender como as formas de classificações de *nacional e internacional* definem as práticas editoriais e a circulação da palavra impressa em livros. O evento é analisado como um espetáculo de ritualização, que permite examinar as condições específicas para tornar públicas as mensagens sobre a nação. Demonstra, por fim, a imbricação de três processos culturais e sociais solidários: *internacionalização — nacionalismo — profissionalização*.

Abstract

Brazilian Books Between Rio de Janeiro and Frankfurt

This ethnographic study of the organization and staging of the 46th international Frankfurt Book Fair's homage to Brazil, in October 1994, is concerned with professions linked to the publishing world and with the power of the book in the social construction of emblems, stereotypes, and sentiments of nationality. It also endeavors to comprehend how the classification 'national' and 'international' define both editorial practices and the circulation of the printed word within books. This event is analyzed as a show of ritualization, one that makes it possible to analyze the specific conditions under which messages about a nation are made public. This article demonstrates the intertwining of three related cultural and social processes: *internationalization, nationalism, and professionalization*.